

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

“CONJUNTO LUIZOTE DE FREITAS”:
UM LUGAR NA CIDADE, UMA CIDADE NUM LUGAR.
TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORES / MORADORES.
UBERLÂNDIA-MG. 1980 – 1985.

LUCAS DE SALES MONTEIRO

LUCAS DE SALES MONTEIRO

“CONJUNTO LUIZOTE DE FREITAS”:
UM LUGAR NA CIDADE, UMA CIDADE NUM LUGAR.
TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORES / MORADORES.
UBERLÂNDIA-MG. 1980 – 1985.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Profª Dra. Célia Rocha Calvo.

Uberlândia, abril de 2006.

LUCAS DE SALES MONTEIRO

“CONJUNTO LUIZOTE DE FREITAS”:
UM LUGAR NA CIDADE, UMA CIDADE NUM LUGAR.
TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORES / MORADORES.
UBERLÂNDIA-MG. 1980 – 1985.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Célia Rocha Calvo – Orientadora

Profa. Doutoranda Sheille de Freitas Batista

Prof. Ms. Sérgio Paulo Morais

A Deus Nosso Senhor Jesus Cristo, ao meu Pai Joaquim de Salles Monteiro (em memória) e à minha Mãe Gladys de Siqueira Monteiro, presentes em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

À Célia Rocha Calvo, professora e orientadora dessa pesquisa que sempre dispôs de seu tempo com dedicação, presteza e colaboração em me receber, norteando as entrelinhas e caminhos desse trabalho.

Aos professores Doutoranda e Mestre Sheille de Freitas Batista e Sérgio Paulo Moraes, respectivamente, por aceitarem prontamente participar da Banca Examinadora.

A todos aqueles que foram entrevistados e que me receberam com todo carinho, respeito e vontade de colaborar em suas residências e no trabalho.

À minha esposa e companheira durante todos esses anos Leila de Araújo Silva pela paciência e dedicação comigo e a meus filhos Aline Yarin de Araújo Monteiro e Lucas de Sales Monteiro Júnior, por acreditarem em mim e serem meus esteios nessa caminhada.

Aos meus irmãos Sandra, Sebastiana, Lucio e Luciano que gentilmente me cederam os computadores de suas residências e do trabalho para que essa pesquisa fosse realizada em tempo.

Às minhas amigas de trabalho na Prefeitura de Uberlândia, Sras. Joana D'arc Pereira de Paula e Regina Maria Gonçalves que possibilitaram as entrevistas com sua irmã, Sra. Maria Idelira e as vizinhas e amigas Sras. Célia das Graças e Sebastiana Soares.

A todos que direta e indiretamente torceram e me deram força para que, finalmente, essa pesquisa chegasse ao fim.

Aos colegas da História, principalmente o “pessoal do fundo” pelos ótimos anos de faculdade e as amizades conquistadas.

*“(...) tá no meu nome é meu, isso pra mim é uma honra, eu
como mulher, guerreira (...)”.*

Sra. Sebastiana Soares da Silva

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	09
CAPÍTULO I - “Conjunto Luizote de Freitas”: eu tenho onde viver:	
Lembranças e trajetórias.....	18
CAPÍTULO II –	
Lembranças e experiências sobre a construção de um lugar na cidade.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
FONTES UTILIZADAS.....	61
BIBLIOGRAFIA.....	63
ANEXO.....	65

RESUMO

O trabalho que desenvolvi teve como espaço o Conjunto Habitacional Luizote de Freitas que apresenta todo um comércio atuante, uma movimentação social e áreas de lazer, todavia, o motivo principal é as pessoas que para ali se mudaram, no ano de 1980, inclusive meus tios, o Sr. Clairton e a Sra. Vera Lúcia e filhos, e sobretudo, por alguns dias que convivi ali, em férias escolares, motivaram essa pesquisa. Como aquele conjunto habitacional, de casas iguais e portas pintadas de cores diferentes para “marcar” o imóvel de cada proprietário, encravado no meio do “nada” foi o lugar escolhido e desejado por muitas pessoas para viverem. Como ali se desenvolveram a convivência, as expectativas, a experiência, isto é, um lugar de pertencimento social por suas trajetórias e narrativas no Luizote de Freitas. Baseado nestes, as questões da pesquisa norteiam em: Qual a expectativa de se conseguir as chaves da casa própria? A ansiedade, no tocante, à renda familiar exigida no ato da inscrição para se adquirir a casa própria? A apreensão e a coragem das famílias ao se mudarem para um lugar tão afastado do perímetro urbano de Uberlândia, tendo em vista que os entrevistados moravam no Bairro Martins, a família da Sra. Vera Lúcia, no Bairro Jardim Brasília como as famílias das irmãs Célia das Graças e Sebastiana Soares, a família da Sra. Maria Idelira que saiu do Bairro Dona Zulmira para o Luizote de Freitas e também a família do Sr. Sebastião Francisco que se mudou do Bairro Patrimônio. Como a convivência dos novos moradores do Conjunto Luizote que começam a desenvolver novas amizades, relações sociais, trocam experiências e transformam aquele distante lugar, de grandes dificuldades encontradas no começo em “um dos melhores lugares para se morar” na cidade de Uberlândia.

APRESENTAÇÃO

O objetivo dessa pesquisa é trazer as narrativas dos moradores do Conjunto Luizote de Freitas, refletindo esse espaço como um lugar de pertencimento social deles na cidade. E também almejando compreender como foram povoando, construindo e modificando esse espaço tornando-o um lugar de suas vivências no contexto urbano. Além disso, conhecer a maneira como eles pensam, expressam as mudanças nos seus viveres e as modificações da própria cidade.

Esta análise é de fundamental importância, pois traz a história dos habitantes do Bairro Luizote de Freitas. E isso se dá por meio das lembranças e trajetórias da população que vivenciaram ao longo do tempo, e desta forma será possível compreender e evidenciar as diferenças que ocorreram ao se tornarem residentes do Luizote de Freitas, ou seja, os habitantes deste Conjunto propiciaram transformações significativas a tal ponto que um bairro que era considerado pela população uberlandense como “longe da cidade”, tornou-se atualmente uma “mini cidade”.

Diante desta realidade é válido salientar que o fator “proximidade” de grandes empresas instaladas na cidade de Uberlândia “colaboraram” na sua construção estratégica e para esse avanço do Luizote, como Souza Cruz, Frigorífico Caiapó e Granja Rezende, de grande movimentação de pessoas e de trabalhadores com carteira assinada, empregos fixos e ótimos salários.

Digo isto porque esses itens foram decisivos para as pessoas preencherem as fichas sócio econômicas e as mesmas serem aceitas, pois era uma pré-seleção dos candidatos às casas, isto é, ser trabalhador com carteira assinada, ter renda suficiente para pagar as prestações e morar em Uberlândia há mais de três anos.

A partir dessa conjuntura percebemos, como historiador, que o sentido de ser trabalhador para conseguir fazer as inscrições não bastava apenas estar na ativa, era necessário que fosse de carteira assinada em uma empresa ou serviço que garantisse a permanência do trabalhador no emprego.

Além dessa condição do emprego em uma empresa “grande e estável” era necessário o trabalhador tivesse um salário fixo, mesmo que fosse uma renda mútua entre

marido e mulher. Esta era uma das exigências do BNH (Banco Nacional de Habitação) para evitar inadimplência.

Outra condição era a de ser morador em Uberlândia há mais de três anos. Este era considerado um item excludente com aquelas pessoas que chegavam à cidade e que não tinham qualificação profissional para se estabelecerem, além de não terem também um emprego fixo.

Nesse sentido algumas fontes foram utilizadas como os jornais Gazeta do Setor Oeste de circulação no próprio Luizote de Freitas e o Correio de Uberlândia salientando aqui a importância fundamental do Arquivo Público Municipal, pois pude perceber pelas entrevistas das autoridades locais, estaduais e federais uma grande “distância” do que se noticiava e o que os moradores, pelas suas narrativas e lembranças, encontraram no dia da mudança do recém inaugurado Conjunto Habitacional Luizote de Freitas.

Assim foi possível entender melhor o que as autoridades falavam nos jornais em relação ao Luizote, sua “funcionalidade e modernidade”, e o que os moradores trazem em suas memórias quando relatam sobre o que encontravam no novo local, um “lugar” longe da “cidade”, e além disso se deparando com casas sem laje e que sequer eram cercadas por muros, faltava energia elétrica constantemente, faltava água diariamente, havia precariedade no sistema de transporte coletivo e era um “bairro” ‘sem’ área de lazer.

A explicação para “lugar longe” era devido à sua localização fora do perímetro urbano da cidade, pois que o Bairro Dona Zulmira era considerado o “limite da cidade” pelos moradores de Uberlândia daquelas imediações, naquele época.

Os percalços dos moradores do Luizote de Freitas eram de diversas formas, pois além deles enfrentarem os “descuidos” da administração local, ainda tinham de conviver com a “violência” e encarar um “novo território sem dono”, pois para eles tudo era “novo”, “diferente”.

No ano de 1980 na cidade de Uberlândia foram entregues à população de baixa renda 1500 casas, o Conjunto Luizote de Freitas, as mesmas beneficiaram muitas famílias com a realização do sonho da casa própria, o qual proporcionou ao “Bairro” o “status” de “Luizote , o maior da América Latina ”. ¹

¹ FONTE: JORNAL GAZETA DO SETOR OESTE, nº 26, Ano 02, p. 03, 30/08/2005.

Como historiador penso que essa questão de ser o “o maior da América Latina” era como uma resposta e afirmação do Governo Federal para justificar o momento do país que saía do regime militar e procurava por meio da construção de conjuntos habitacionais promover um “desenvolvimento” no país e como marco de expressão na cidade.

O “Bairro” foi construído entre as rodovias BR 365/452, saída para Monte Alegre/Goiânia e BR 497 saída para as cidades do Prata e Frutal e fazendo divisas com os Bairros Jardim Patrícia, Mansour, Nosso Lar e Chácaras Tubalina (Conjunto América do Sul), e ainda “cercado” pelo Córrego do Óleo. Por estar nesta localização, era considerado como um “lugar longe” para se morar em Uberlândia.

Para se chegar ao Luizote de Freitas atravessamos praticamente três bairros, utilizando preferencialmente duas grandes avenidas de pista dupla, a Joaquim Leal de Camargos pelo Bairro Planalto e a José Fonseca e Silva, que tem início no Bairro Dona Zulmira, mais precisamente no viaduto da Av. Juscelino Kubitschek.

Outra opção para chegarmos ao Luizote de Freitas é pelo Bairro Jardim Patrícia e suas várias vias públicas que fazem esquina com as ruas do conjunto habitacional, em que todas fazem esquina com a Rua Osvaldo Samora que margeia o poliesportivo do Luizote.

Lembro-me que os poucos dias vividos no Conjunto Luizote de Freitas, no ano de sua inauguração em 1980, foi uma enorme experiência vivida por mim e por meu irmão mais novo, Dr. Luciano, que hoje é advogado formado nesta Universidade, pois que morando no Bairro Osvaldo, Rua Arthur Bernardes nº 49, centro de Uberlândia, com aquelas casas todas iguais no formato e tamanho, diferentes pela cor da porta da sala mostravam-me outra dimensão de casa.

Acostumado a uma casa ampla com muitos cômodos, forrada com laje, cercadas de muros e ruas pavimentadas, nos assustamos nos primeiros dias e com isso perdemos o sono, e eu ficava acordado olhando o teto da casa, que não possuía laje. Ficava com receio que algum inseto ou pessoa quebrasse as telhas entrasse e nos atacasse, enquanto estivéssemos deitados ou dormindo.

Porém com o passar do tempo fui me acostumando e após vários dias já não me preocupava com a tal “falta da laje”. Com o passar das semanas as novidades se sobressaíam e aqueles quintais sem muros nos mostravam uma outra liberdade não

conhecida, a de atravessarmos os quintais das outras casas para encurtar caminho ou simplesmente de desafiar a autoridade dos moradores.

As lembranças desses momentos, ou melhor, daqueles dias de inauguração do Luizote de Freitas, a questão da insegurança devido às casas, como o fato das mesmas não terem muros separando os quintais, a forma que as pessoas se deslocavam para o trabalho no centro da cidade, a dificuldade de enfrentar a falta da água, da luz elétrica, a ausência da área de lazer, lugares de convivência, a falta de supermercados e como faziam para comprar os gêneros alimentícios, a falta de padarias, farmácias ou mesmo mercearias, foram alguns dos motivos que me instigaram a escolher esse tema.

A partir disso, tentei analisar como eles transformaram as “casas iguais” em construções diferentes, isto é, os moradores conseguiram mudar a própria valorização do lugar para eles e para os outros moradores de Uberlândia. Outro ponto que investiguei foi a questão do relacionamento com os vizinhos antes e como é hoje.

Almejei trazer pelas lembranças dos moradores do Luizote, o sentimento de pertencimento social na cidade de Uberlândia, o sentido de possuir a casa própria e como isso é importante para eles dentro do contexto da cidade, tornando visível outro modo de vida que não fosse a que eu estava acostumado com o meu dia-a-dia.

Para compreender o que vivi no ano de inauguração do Luizote, o fato do conjunto carregar os preconceitos de “serra pelada” e como os moradores transformaram o local em uma “mini-cidade” foram feitas entrevistas gravadas com os moradores, que mudaram para o “bairro” no dia da inauguração, sendo em número de quatro, em que as Sras. Vera Lúcia, Célia das Graças, Sebastiana Soares e Maria Idelira, donas de casa, estudantes e trabalhadoras relatam suas lembranças e memórias, principalmente nos primeiros anos em que viveram lá e o que significou para elas e a família irem para o Luizote de Freitas e por fim uma entrevista, esta se deu de forma escrita, com o Sr. Sebastião Francisco, morador também há vinte e cinco anos do Luizote.

A Sra. Vera Lúcia Arantes de Siqueira, 59 anos, moradora da Rua Elói Costa nº 246, antiga C 13, na ocasião da mudança deixou o Bairro Martins, Rua Alexandre Marquez nº 1283, sua comodidade, proximidade do centro e vasto comércio, para ir para o Luizote junto da família, marido e três filhos deixando para trás o aluguel e muitos “conhecidos”. A entrevista foi realizada em um domingo do mês de janeiro de 2003, em sua residência.

Já a Sra. Célia das Graças de Aquino Batista, 48 anos, deixou para trás o Bairro Jardim Brasília, o aluguel do imóvel da Av. Constelação nº 298 e foi ser a moradora, junto do marido e dois filhos. Na ocasião, a mesma passou a residir à Rua Osvaldo Samora, 298, antiga B 3 em frente ao Poliesportivo do “bairro”.

A entrevista foi realizada em um dia de sábado do mês de abril de 2005, em sua residência e nesses 25 anos de mudança, a família da Sra. Célia aumentou em dois outros filhos nascidos no Luizote de Freitas.

A Sra. Maria Idelira Gonçalves, 59 anos, hoje viúva do Sr. José Cosme Gonçalves, mudou-se do Bairro Dona Zulmira para a antiga Rua C 3, hoje Rua Hélio Alves dos Santos nº 371 com toda a família, saindo, também do aluguel, indo para o “sonho de sua vida”, a casa própria.

A entrevista aconteceu num domingo do mês de agosto de 2005 em sua residência, no endereço acima mencionado, e quando se mudou para o Luizote, a Sra. Maria Idelira tinha quatro filhos, o quinto nasceu no conjunto.

Outra entrevistada, a Sra. Sebastiana Soares da Silva, 56 anos, moradora da Rua Jonathan Teodoro de Oliveira nº 61, antiga C 27, também deixou a preocupação do aluguel do Bairro Jardim Brasília, Av. Constelação nº 309, e todas as facilidades de comércio e serviços que o bairro possui e se mudou para o Luizote com os quatro filhos, atrás da felicidade de se possuir uma casa própria.

A entrevista foi realizada em sua residência no endereço acima citado, em um dia de semana, quarta-feira, no mês de abril de 2005. Neste dia pude conhecer sua casa, a casa dos “sonhos dela”, onde ela se sente uma “guerreira” por ter conseguido, sendo mulher e mãe que criou os filhos sozinha.

Também nessa pesquisa foi utilizada uma entrevista informal (escrita) com o Sr. Sebastião Francisco de Castro, 51 anos, realizada no mês de novembro de 2003, no Bairro Jardim das Acácias. O mesmo trabalha varrendo e coletando o lixo das ruas, pois é funcionário público municipal e morador do nº 1042 da Rua Matheus Vaz, antiga C 56. Antes da mudança para o Luizote de Freitas, ele morava na Av. Liberdade, 268, Bairro Patrimônio, o mesmo é casado com a Sra. Maria Abadia Oliveira de Castro, 43 anos e dona de casa.

Foram lidos autores como Alessandro Portelli e sua obra *Forma e significado na História Oral*, Trad. Maria T. J. Ribeiro e Revisão técnica de Déa R. Fenelon que fala: *“Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos literalmente uma visão mútua”*², isto é, as entrevistas com os moradores e mesmo as conversas informais mostraram uma grande vivência por parte dos entrevistados dentro dos seus lugares de vivência, lugares de pertencimento social.

Outros dois textos do autor Alessandro Portelli foram lidos, sendo *A Filosofia e os Fatos, Narração, Interpretação e Significado nas memórias e nas fontes orais e As Fronteiras da Memória. O massacre das fossas ardeatinas. História, Mito, Rituais e Símbolos, História e Perspectivas* que menciona:

*“O desafio estaria no fato de encararmos a memória não só como um depósito de informações – um lugar onde se recorda a história - mas de a encarmos como um fato da história, como “sinal de luta”, “como processo em andamento”, (...)”*³.

Também foi lido o autor Marcos A da Silva e sua obra *República em Migalhas, História Regional e Local*, que fundamenta as dificuldades e a vivência das pessoas em seus locais de moradia contrastando a fala das autoridades com a realidade vivida:

*“(...) A historiografia regional (...) quando emerge das regiões economicamente mais pobres, muitas vezes ela consegue também retratar a História dos marginalizados, identificando-se com a chamada ‘História popular’ ou ‘História dos vencidos’”*⁴.

Foi lido a obra *Muitas memórias, outras histórias de uma cidade. Lembranças e experiências de viveres urbanos em Uberlândia*, da autora Célia Rocha Calvo, a qual traz

² PORTELLI, Alessandro. *Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade*. Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro. Ver. Técnica: Déa Ribeiro Fenelon. Proj. História, São Paulo, (14) fev. 1977, P. 9.

³ PORTELLI, Alessandro. *As fronteiras da memória. O massacre das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos*. In: *Revista dos Cursos de Graduação e do Programa de Pós-graduação em História da UFU, História & Perspectivas*, Uberlândia (25 e 26), jul/dez 2001 / jan/jul 2002, p. 28.

⁴ SILVA, Marcos A da. *República em Migalhas. História Regional e Local*. Editora Marco Zero/ CNPO 1890 - 1990, p. 13.

em seu bojo a importância de se resgatar a memória do sujeito dentro do seu lugar de pertencimento social:

*“(...) o modo como sentiram e interpretaram os processos de mudanças no viver urbano a partir das suas lembranças e sentimentos (...)”*⁵.

Outro autor lido foi Antonio A. Arantes e sua obra Paisagens Paulistanas – Transformações do espaço público, em que ele fala das transformações que os lugares sofrem por seus moradores, por intermédio da vivência:

*“(...) elas articulam experiências sociais a um espaço, dando-lhes um contexto e significações particulares”*⁶.

Também no intuito de refletir esta pesquisa, o texto Muitas memórias, outras histórias, organizado pelos autores Déa Ribeiro Fenelon, Laura A. Maciel, Paulo R. de Almeida e Yara Aun Khoury foi lido, entendendo que o dia-a-dia dentro da memória dos moradores é importante:

*“(...) O conhecimento do passado e do presente também é produzido no transcorrer da vida cotidiana”*⁷.

A história das pessoas em um lugar, em um vilarejo tem muito de seus acontecimentos descritos, lembrados e narrados pela História Oral, as memórias, as lembranças são resgatadas por passagens que constroem histórias e estes fatos muitas vezes são os mais alegres ou que trazem saudades felizes da família.

Outra contribuição teórica de grande importância é a de Raphael Samuel no tocante à lembrança das pessoas e seus dia-a-dias quando discute a história local e história oral:

*“(...) ao relembrar seu passado, as pessoas, freqüentemente, terão muito mais o que falar sobre a vida caseira do que sobre política, sobre hábitos e costumes do que ocorrências e acontecimentos individuais (memórias da Greve Geral, infelizmente, costumam ser superficiais, enquanto os focos de crianças podem encher páginas de uma transcrição)”*⁸.

⁵ CALVO, Célia Rocha. Muitas memórias, outras histórias de uma cidade. Lembranças e experiências de viveres urbanos em Uberlândia. Editora Olho d'Água. 1998, p. 157.

⁶ ARANTES, Antonio A. Paisagens Paulistanas– Transformações do Espaço Público. Editora da UNICAMP. Imprensa Oficial. p. 122.

⁷ GRUPO MEMÓRIA POPULAR. Muitas Memórias, Outras Histórias. Memória Popular: Teoria, Política, Método. Editora Olho d'Água, maio/2004, p. 284.

⁸ SAMUEL, Raphael. História local e História oral. In: Revista Brasileira de História. São Paulo. ANPUH/ Marco Zero. V. 9, n. 19, set/1989 / fev/1990. p. 219/243.

As leituras desses autores contribuíram para eu refletir essa pesquisa no sentido de que mesmo em um lugar tão longe do perímetro urbano de uma cidade, as pessoas conseguem transforma-lo, criando um sentimento de pertencimento social por meio de relacionamentos pessoais, trajetórias e ações que em suas lembranças e memórias constroem seus caminhos de vida.

Portanto, resgatar o ano de 1980, mês de julho, quando as pessoas começaram a receber as chaves da casa própria e a viver no conjunto Luizote de Freitas, tido como uma obra “monumental” pelas autoridades e entregue em meio a tantos problemas e dificuldades vividas pelos moradores através de suas memórias, experiências, vivências e expectativas como um lugar de pertencimento social, possibilitou-nos organizar essa pesquisa em dois capítulos.

O primeiro capítulo trará em seu bojo o contraste entre a fala das autoridades através de pesquisa realizada no Arquivo Público Municipal, trazendo as notícias de jornais que publicavam notícias “distorcidas”, o que muita das vezes funcionava como estratégia das autoridades para “atrasar” ou provocar uma maior ansiedade nos pretendentes à casa própria.

Este capítulo tratar-se-á com os moradores entrevistados e suas expectativas de se mudarem para o “novo lugar” de Uberlândia, como foi “ir” para um lugar tão longe da “cidade”, na ocasião, as dificuldades com atingir ou não a renda familiar para adquirir as chaves da casa no Luizote, como eles viam o fato de uma mudança de vida tão brusca e rápida, deixar os bairros em que viviam com toda infraestrutura para irem para o Luizote de Freitas.

Outro assunto pertinente abordado neste capítulo foi como os entrevistados viam a importância de ter a casa própria, o que possibilitava a eles saírem do aluguel, “obrigação” esta que lhes trazia grandes preocupações no final do mês, como foi para as pessoas irem receber as chaves da casa própria e a emoção no exato momento que pegaram-nas e tiveram a certeza que o sonho estava se realizando.

Neste primeiro capítulo foi abordado como os trabalhadores entrevistados se sentiram ao entrarem pela primeira vez na “casa dos sonhos”, o que aconteceu na primeira noite de Luizote e como os primeiros dias transcorreram, quais os problemas enfrentados

para irem ao trabalho, enfim, no que a distância do “bairro” ao centro da cidade modificou seus modos de viver.

Nas memórias e lembranças dos moradores do Luizote, ainda neste capítulo, foi lhes perguntado quais os principais problemas enfrentados por eles, no tocante, a esse deslocamento para o trabalho, isto é, a precariedade do transporte coletivo, a falta da água, as constantes quedas de energia elétrica, a poeira e o barro.

Já no segundo capítulo baseados nas entrevistas com os moradores, as conversas informais e os autores, o objetivo foi conhecermos a trajetória dos moradores no “Bairro” Luizote, suas vivências com o “novo” representado pelo território, convivência com os vizinhos, locais de lazer, comércio, trabalho.

Outra abordagem junto aos moradores foi com relação a segurança do Luizote, como era no começo, o que é hoje, quais os problemas mais graves do “bairro”, as lembranças dos primeiros espaços comerciais e também a construção dos lugares de convivência, a importância deles para os moradores.

O que significou construir uma “outra” vivência familiar em um lugar diferente, as lembranças em relação ao dia-a-dia das pessoas, quando as mulheres falaram da falta da escola para os filhos, como essas pessoas tornaram aquele “lugar longe da cidade”, de ruas de terra, no “meio do nada”, no “melhor lugar para se viver em Uberlândia”, segundo os moradores.

CAPÍTULO I - “Conjunto Luizote de Freitas”: eu tenho onde viver: lembranças e trajetórias...

“O caminhar permite a recolha de fragmentos de histórias pessoais e do lugar”.

Antonio A Arantes

No ano de 2005, entre os dias 27 e 28 de agosto o conjunto habitacional Luizote de Freitas completou 25 anos, que foi comemorado em grande estilo o Primeiro “Fest Luizote” com shows, desfiles de escolas, missa (organizada pelas Paróquias Santa Edwiges do Luizote e Santa Isabel do Jardim Patrícia), premiações aos comerciantes e autoridades locais, considerados fundamentais para o crescimento do conjunto, segundo os registros do Jornal Gazeta do Setor Oeste, cuja edição é de Gregório José, com financiamento dos comerciantes do conjunto.

Nesta comemoração os moradores do conjunto Luizote de Freitas mostraram a sua força em termos de organização e de comércio local proporcionando dois dias de muita alegria e diversão para os habitantes do lugar. Os público presente foi em torno:

“(...) cerca de cinco mil pessoas passaram pela avenida (...). Nenhum incidente foi verificado pelos organizadores, o que tornou o Primeiro Fest Luizote um evento de sucesso”⁹.

Durante as festividades os moradores presenciaram diversas apresentações de artistas da cidade e do próprio Luizote, que ocorreram na Avenida principal, José Fonseca e Silva. A comissão organizadora desse evento foi composta pelos integrantes do próprio “Jornal Gazeta do Setor Oeste”, pelos proprietários da empresa de Silk-Screen Sericor Serigrafia e membros da Associação de Cultura e Cidadania Pérola Negra. Nesse evento procurou-se apresentar uma diversidade de grupos musicais, expressando diferentes gostos e estilos musicais:

“(...) contou com shows sertanejos, de Rap, Pagode, Axé, músicas gospel, Música POP e música internacional. Também aconteceram apresentações de Ternos de Congado, dos membros da Associação de

⁹ FONTE: GAZETA DO SETOR OESTE, nº 27, Ano 03, p. 19, 15 a 30/09/2005.

Capoeira de Uberlândia – ASCAU. Shows de dança e interpretações (...)

¹⁰.

Pudemos perceber pelas notícias do Jornal Gazeta do Setor Oeste e pela fala dos moradores do conjunto, em conversas informais, que essas comemorações tiveram a participação de expressivo número de pessoas, o que para muitos moradores implica em atribuir ao Conjunto Luizote de Freitas a idéia de que esse conjunto é um dos maiores conjuntos na cidade, em termos de densidade populacional.

Essa densidade populacional escrita no Jornal Gazeta que circula no conjunto, atribui ao Luizote uma população:

“Hoje são mais de 20 mil eleitores e aproximadamente 45 mil habitantes no entorno do Luizote (...)”¹¹.

Isto é, pelo que pude perceber o Luizote de Freitas é considerado, hoje em dia, um lugar que elege facilmente seus representantes para compor o governo municipal, tanto no executivo quanto no legislativo da câmara, um lugar com um grande potencial eleitoral.

Valorizando a importância do Luizote de Freitas no cenário da cidade seus moradores, como num sentimento de pertencimento deles no lugar, vêm reforçar o que o Jornal Gazeta menciona sobre o número de habitantes, e dos participantes do Primeiro Fest Luizote, declarando sempre quando perguntados do número de pessoas e da importância do lugar, assim como faz questão de lembrar a Sra. Vera Lúcia:

“(...) nossa! aqui fico uma mini cidade agora (...)”¹².

Todavia para os moradores do Luizote de Freitas o conjunto é sem dúvida alguma, um dos “maiores bairros” da cidade de Uberlândia, com uma grande comodidade nos setores de comércio, transporte coletivo, lazer, escolas de 1º grau para seus habitantes que dizem não precisarem ir ao centro da cidade para “comprar ou fazer pequenos serviços bancários”.

A importância do conjunto Luizote de Freitas para seus moradores é algo que os enche de orgulho, visto ser uma opinião compartilhada pelas pessoas, tanto os primeiros moradores como os que para lá se mudam, no intuito de habitar um “bairro” que oferece toda a infra-estrutura necessária para se morar bem em Uberlândia.

¹⁰ FONTE: GAZETA DO SETOR OESTE, nº 27, Ano 03, p. 08, 15 a 30/09/2005.

¹¹ FONTE: JORNAL GAZETA DO SETOR OESTE, nº 26, Ano 02, p. 01, 30/08/2005.

¹² Entrevista concedida pela Sra. Vera Lúcia, em janeiro de 2003.

No entanto o que percebi, pelos dados coletados na Prefeitura de Uberlândia, na Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Urbano foi uma outra realidade com relação à fala dos moradores e as publicações do Jornal Gazeta do Setor Oeste, sobre a densidade populacional do conjunto.

Conforme minha pesquisa na SEDUR - Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Urbano, o Luizote de Freitas conta com um total de 21.171 pessoas, numa área total de 2,46 km² destoando bruscamente com os moradores e o jornal de circulação no Luizote.

Ou seja, “do total de habitantes da cidade de Uberlândia”¹³ e segundo dados da Prefeitura, pela SEDUR, o Conjunto Luizote de Freitas contribui com 8-9% desse total, o que para seus moradores não expressam a realidade do lugar, um “bairro” que conta hoje com uma infra-estrutura considerada por eles como “ótima”.

Entretanto, nas entrevistas gravadas ou mesmo nas conversas informais pude perceber que esse tempo de comemoração dos vinte e cinco anos tem sentidos diferentes. Lembrar o passado, o tempo de construção significou lembrar de suas trajetórias no sentido de dizer que esse lugar no presente carrega muitas lembranças das dificuldades.

Essas dificuldades foram os muitos problemas encontrados pelos moradores do Conjunto Luizote de Freitas, quando de sua inauguração, os quais fizeram-nos deparar-se com novidades desagradáveis e que não faziam parte de seus dia-a-dias nos antigos endereços:

*“(...) então não tinha asfalto e era realmente mato mesmo, né, não tinha ônibus (...)”*¹⁴.

As dificuldades iam surgindo e enfrentadas pelos moradores do conjunto tido pelas autoridades locais, estaduais e federais e escrito na imprensa local, como um “marco de modernismo” visando solucionar o déficit imobiliário da cidade, visando facilitar a vida das pessoas.

¹³ Segundo o BDI – Banco de Dados Integrados de Uberlândia em documento produzido pela SEDUR Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano a cidade de Uberlândia tem um total de 517.804 habitantes.

¹⁴ Entrevista concedida pela Sra. Célia das Graças, em abril de 2005.

No Jornal Correio de Uberlândia as notícias sobre a construção do Luizote de Freitas eram estampadas assim:

“Mais moderno, mais humano, mais funcional, o Conjunto Habitacional Luizote de Freitas I, tem casas, de um quarto, dois, três e até quatro quartos, oferecendo teto para famílias de vários membros que irão se constituir em um dos núcleos dos mais importantes dentro do contexto da comunidade que ali vão formar”¹⁵.

O discurso implementado dava conta da construção de um verdadeiro “paraíso”, o qual oferecia todas as condições de infra-estrutura para se morar, não fazendo parte as constantes quedas e desligamentos da energia elétrica, os diários cortes do fornecimento de água e a poeira causada pelo não asfaltamento das ruas, distorcendo sensivelmente a enorme expectativa dos moradores.

Todavia, mesmo sendo fora do perímetro urbano da cidade, as pessoas que fizeram inscrição para a casa própria no Luizote enfrentando enormes filas e dando um “jeitinho” para atingir a renda familiar, viam ali a oportunidade de mudarem de vida e principalmente de saírem do tormento de todo final de mês terem de pagar o aluguel.

Outra oportunidade para os futuros moradores do Luizote de Freitas vencendo o prazo de pagamento da casa era o de terem em definitivo as chaves da casa própria, algo que é sonhado e desejado pela maioria das pessoas de baixa renda, como era o propósito da construção do conjunto.

As casas em sua grande maioria já não guardam a estética de quando foram entregues nos anos de 1980, no qual a uniformidade das construções pressupunha uma igualdade entre as pessoas que para ali se mudaram, pois se tratava de casas populares para atender ao “*uberlandense*”¹⁶ de baixa renda.

Entretanto, essa condição de ser “uberlandense” passava também pelo crivo da família ter uma renda, a qual pudesse garantir a “tranquilidade” do mutuário, no tocante ao não atraso das prestações, pois as inscrições foram oferecidas em sua maioria nas grandes empresas da cidade.

¹⁵ Reportagem sobre inauguração do Conjunto Habitacional Luizote de Freitas, no dia 11 de julho de 1980, pelo ministro Mário Andreazza, do Interior e o Governador de Minas Gerais Francelino Pereira, no Jornal Correio de Uberlândia.

Em conversa informal, escrita, com o Sr. Sebastião Francisco de Castro, Funcionário da Prefeitura de Uberlândia, morador da Rua Matheus Vaz, 1042, antiga rua C 56, no Luizote II, quando perguntado como ficou sabendo das casas, notamos a prioridade aos trabalhadores da cidade, “(...) na ocasião trabalhava na SOUZA CRUZ (...)”¹⁷, mas não obstante aos outros que não tinham vínculo formal de trabalho conseguir as chaves da casa própria no Luizote de Freitas significou “ *muito sacrificio*”, como falou D. Sebastiana.

A Sra. Sebastiana que criou sozinha os filhos conseguiu fazer a inscrição de sua casa própria com a “ajuda” da patroa, a Sra Ana Marta, pois na ocasião não tinha renda suficiente, na carteira, para “tirar” a casa, a mesma foi até um dos locais de inscrição, a Praça Tubal Vilela, no centro de Uberlândia, e recebeu uma péssima notícia, a princípio:

*“(...) saí a pé e fui na Praça Tubal Vilela (...) que então chego a minha vez não dava pra fazê, porque eu não tinha o salário fixo na carteira, sabe, aí o moço falo pra mim, ‘ a senhora não pode faze’, eu saí de lá triste, chorando e fui embora (...)”.*¹⁸

Para que pudesse fazer a inscrição foi “acrescentada” na Carteira de Trabalho da Sra. Sebastiana a condição dela já estar morando em Uberlândia por mais de três anos, com endereço fixo, uma das condições para que as pessoas de “baixa renda” conseguissem a casa própria:

*“(...) a Martinha colocou que eu ganhava dois salários na carteira pra eu tira a casa, aí fui lá, que eu consegui faze a inscrição (...) depois de 90 dias a minha casa saiu (...)”.*¹⁹

Ou seja, chegada da cidade de Ituiutaba há pouco tempo em Uberlândia, a Sra. Sebastiana, uma mulher de 56 anos, moradora da Rua Jonathan Teodoro de Oliveira nº 61, antiga C 27 que hoje tenta se aposentar pelo INSS, naquela ocasião não preenchia os pré-requisitos necessários para que pudesse fazer ou mesmo “tirar” sua casa no Luizote de Freitas.

¹⁶ Conforme a entrevistada, Sra. Vera Lúcia, na ficha de inscrição era exigida a condição de ser morador de Uberlândia por mais de 03 anos.

¹⁷ Conversa Informal, escrita, com o Sr. Sebastião Francisco de Castro sobre condições de fazer a inscrição para as casas no Luizote de Freitas, em novembro de 2003.

¹⁸ Entrevista concedida pela Sra. Sebastiana, em abril de 2005.

¹⁹ Idem.

A Sra. Sebastiana, como alguns outros moradores do Luizote de Freitas, para conseguirem as chaves da casa própria no Luizote de Freitas, de certo modo “burlaram” os três itens principais para que as inscrições fossem aceitas e esses trabalhadores pudessem ter as suas casas, isto é, mesmo sendo “trabalhadores” eles não tinham condições para adquirir a casa própria.

Já para a Sra. Célia das Graças, uma mulher de 59 anos, que mora na Rua Osvaldo Samora, 298, em frente ao poliesportivo do conjunto, o conhecimento de que ali seria construído um conjunto habitacional partiu do seu marido, o Sr. Mauro Francisco Batista de Aquino, que na ocasião levou para ela um panfleto que dava notícia sobre o Luizote de Freitas.

A inscrição da casa no Luizote para a família da Sra. Célia das Graças foi feita na Praça Tubal Vilela, e mesmo depois de muitos anos de espera para conseguir as chaves a “casa saiu” e isto o marido dela trabalhando em uma grande empresa em Uberlândia, com carteira assinada e tendo um bom salário fixo:

“(...) meu marido trabalhava na época na Granja Rezende, né, aí levaro lá, assim, um informativo pra quem tivesse interessado fazê inscrição duma casa que ia saí nesse bairro, e era saída pra Ituiutaba, né, (...)”²⁰.

Já a Sra. Vera Lúcia, uma mulher aposentada há mais de cinco anos, após trabalhar como enfermeira no serviço público municipal, 59 anos, moradora da Rua Elói Costa nº 246, antiga Rua C 13, ouviu falar pelo rádio sobre a construção do Luizote de Freitas para pessoas de baixa renda, conta que “correu atrás” para fazer a inscrição, pois seu marido, o Sr. Clairton Netto de Siqueira trabalhava em dois serviços e não tinha tempo.

Como todas as outras pessoas, a Sra. Vera também passou por todo esse meio no qual incluiu a apresentação da renda do seu marido, o Sr. Clairton e a dela, pois que uma na era suficiente para a aquisição da “casa própria para pessoas de baixa renda”:

“(...) eu fiquei sabendo e fui lá fazê a inscrição, aí precisava da declaração dos empregos, né, das rendas, então precisou da minha e do meu marido pra dá (...) a inscrição foi lá no Enéias Guimarães, aquele grupo antigo (...)”²¹.

²⁰ Entrevista concedida pela Sra. Célia das Graças, em abril de 2005.

²¹ Entrevista concedida pela Sra. Vera Lúcia, em janeiro de 2003.

Isto é, percebe-se que o conjunto Luizote de Freitas tinha o “propósito” de atender os moradores de Uberlândia que não tinham casa própria, pessoas que moravam na cidade há mais de três anos que tivessem emprego e endereços fixos, porém, que suas rendas fossem suficientes para “garantir” o não atraso das prestações.

A cidade de Uberlândia nos anos de 1980, assim como toda uma proposta da administração local em relação aos seus moradores “menos favorecidos”, e por meio de uma estética urbana, vê na construção dos conjuntos habitacionais a oportunidade de “desocupar” o centro da cidade para as famílias ricas que estavam chegando ao município, abrindo, também, caminho para as grandes lojas se instalarem na região central.

Ou seja, a construção dos conjuntos habitacionais em áreas mais afastadas do centro da cidade teria o objetivo de “abrigar” o trabalhador e que esse morasse perto do seu local de trabalho, como por exemplo: o Distrito Industrial. Tal política de construção pode ser compreendida como uma forma de deslocar os trabalhadores que moravam no centro da cidade, para as então, aéreas despovoadas essa finalidade aparecia no Jornal Correio de Uberlândia como sendo um modo de “colaborar e melhorar a estética do centro da cidade” ficando essa área central destinada a grandes lojas e casas de alto padrão de construção.

Menciona o secretário geral do B.N.H.:

“(...) de sua satisfação em poder colaborar com o programa experimental de deslocamento da população de menor renda. Estas casas vão se destinar, principalmente, à erradicação de sub-moradias em nossa cidade”²².

Isso pode ser observado pela fala do secretário do BNH quando ele menciona a “erradicação de sub-moradias em nossa cidade”. Assim por meio desta visão do dirigente do BNH, que ganha dimensão pública, o que chama atenção é o modo como ele via aqueles trabalhadores que moravam no centro da cidade. Pode-se pensar que o que está sendo chamado de “sub-moradias” seria então os modos como muitos trabalhadores moravam nas áreas centrais da cidade.

Nessas áreas chamadas “sub-moradias” lembro-me bem, que os terrenos de áreas muito grandes eram e são aproveitados pelos proprietários para fazerem outras casas, além da principal, no intuito de aluga-las para “aumentar a renda da família” e também para ter

²² Telegrama do gerente Regional do B.N.H de Minas Gerais ao Prefeito Virgílio Galassi de Uberlândia, sobre aprovação de financiamento através da Caixa Econômica Estadual no Jornal Correio de Uberlândia, do dia 09.01.1980, p. 8.

alguma “serventia” para os parentes, filhos e filhas casados morarem enquanto não conseguem um imóvel próprio.

Lembro-me bem que no terreno que o meu tio morava, o Sr. Clairton e família, no Bairro Martins havia mais de duas casas no mesmo “quintal”, com diversas criações de galinha, porcos, cachorros, gatos e pássaros, e isto, de um certo modo com o crescimento da família já não atendia às necessidades e expectativas dos seus membros.

Esses trabalhadores que moravam em “sub-moradias” no centro da cidade foram uma das preocupações do gerente regional do BNH de Minas Gerais, no tocante à construção dos conjuntos habitacionais em Uberlândia, pois que isso também significava uma “preocupação” da não intenção desses trabalhadores em não se mudarem, pois que os filhos ou os parentes construindo suas casas nos espaços que os quintais ofereciam não contribuiriam para “o crescimento da cidade”.

Existia aí, também, a preocupação com as famílias que chegavam a Uberlândia das cidades vizinhas e, principalmente do campo, na questão de se ter “um lugar” para instalar essas pessoas de baixa renda, e a construção dos conjuntos habitacionais teria essa função política e social, isto é, casa e trabalho através da construção civil, para esses trabalhadores sem qualificação profissional.

As falas das autoridades convergiam para esses problemas sociais que cresciam no país e que tinham na construção dos conjuntos habitacionais a solução para eles:

“(...) Tanto Andreazza como o ministro Murilo Macedo enfatizaram a importância do programa no setor da construção civil, que apresenta elevados índices de desemprego. Segundo Murilo Macedo, o setor da construção civil é hoje um dos melhores mecanismos de absorção de mão-de-obra não qualificada, especialmente a vinda do campo”²³.

Os moradores que nasceram no Conjunto Luizote de Freitas e aqueles que se mudaram depois de muitos anos de sua inauguração e que estiveram nos dias 27 e 28 de agosto nas comemorações dos 25 anos do conjunto não foram “alvo” das distorcidas

²³ Entrevista de lançamento e assinaturas de Convênio do PROSINDI (Programa Nacional de Habitação para o trabalhador Sindicalizado de Baixa Renda) em Brasília, pelos Ministros do Interior Mário Andreazza e do Trabalho Murilo Macedo, com a interferência do B.N.H e da C.E.F, no Jornal Correio de Uberlândia, no dia 18.01.1980.

notícias que eram publicadas nos jornais da cidade ou ditas pelos outros moradores de Uberlândia dando conta da entrega ou não das chaves das casas no Luizote.

Essas “notícias distorcidas” envolvendo a entrega das chaves no conjunto Luizote de Freitas apenas faziam crescer a tensão dos futuros moradores do conjunto, aumentando assim a angústia das pessoas que ao mesmo tempo viam o “sonho” da casa própria tão perto de se realizar, mas sem nenhuma segurança de que pudesse se concretizar.

Em janeiro de 1980, o Jornal Correio de Uberlândia noticia problemas, atrasos na entrega das casas, falta de infra-estrutura e de saneamento:

*“Sem data certa a entrega das chaves das casas do ‘Luizote de Freitas’. (...) Por enquanto, ainda não há condições de se fazer a entrega das primeiras casas no Conjunto Luizote de Freitas, por exemplo, ainda não começou o serviço de implantação da rede elétrica, pois a CEMIG local espera determinações da sede da empresa em Belo Horizonte. Outros serviços de infra-estrutura, estão ainda em obras, escolas e condições de arruamento. O pessoal da Ação Social, não pode ainda prever a data de entrega das primeiras casas, mas, já se sabe, que pelo menos mais noventa dias haverá de espera”*²⁴.

Assim como as notícias eram publicadas pela imprensa com relação ao Conjunto Luizote de Freitas, isso mexia com o imaginário dos futuros moradores, as pessoas que sonhavam com a casa própria alimentavam essa conquista, como lembra a Sra. Célia das Graças, “(...) nós guardamo a inscrição três anos (...)”²⁵.

Percebemos nas lembranças da entrevistada uma expectativa em tornar real as aspirações da família, o trabalho de uma vida inteira ser premiada com a conquista de um bem patrimonial, isto significando um “novo tempo”, deixando para trás as dificuldades, as noites mal dormidas por conta do aluguel atrasado, as reformas necessárias no imóvel de terceiros e principalmente, a aquisição de um lar para abrigar a família.

O fato de ter sido transformado em um grande acontecimento para toda a cidade, os futuros moradores, autoridades locais, estaduais e federais a inauguração do conjunto

²⁴ Esclarecimento dado em entrevista pelo Sr. Ari Novaes Rocha, Assessor da Secretaria Municipal de Ação Social, sobre boatos de possível entrega das chaves das casas no mês de janeiro, no Jornal Correio de Uberlândia, em 31.01.1980.

²⁵ Entrevista concedida pela Sra. Célia das Graças, em abril de 2005.

habitacional Luizote de Freitas, com mais de 1500 casas, pressupunha não só agenda organizada e com horários precisos para as autoridades, mas também para as pessoas que foram acompanhar e receber as chaves da casa própria.

Entretanto, o cumprimento dessa agenda, com horários e cerimônia de entrega das chaves não foi estendida para a população de Uberlândia, daí a aflição e o nervosismo cresciam a cada instante em que o tumulto e a desorganização desnorteavam os futuros moradores, fazendo perceber que o desrespeito para com o ser humano é uma prática humana no qual a dependência da felicidade dos outros é um simples fato.

Na fala da Sra. Vera Lúcia percebe-se que a desorganização e o tumulto foram grandes, “(...) *foi um sufoco, porque não fazia fila direito, sabe assim, não foi chamado pelo nome (...)*”²⁶, mas que não foi suficiente para atrapalhar aquele momento tão esperado de alegria.

No dia da entrega das chaves da casa própria quando perguntada sobre como foi esse momento de ter a chave nas mãos, a Sra. Vera lembra que o marido, Sr. Clairton estava junto “(...) *foi nós dois (...)*”²⁷, e que aquele dia foi muito tumultuado no local da entrega, na Av José Fonseca e Silva.

Naquele dia e diante de tamanha confusão nas memórias da Sra. Vera Lúcia tem-se a nítida impressão que algo semelhante já acontecera à nossa volta, pois:

“(...) foi o maior sufoco para cada um pegar a sua chave, gastamos quase um dia para pegar a chave, (...) foi num dia de semana (...)”²⁸.

Não muito diferente aconteceu com a Sra. Célia das Graças e a família que também recebeu as chaves da casa própria, “(...) *no primeiro sorteio, a primeira entrega das casas, a nossa saiu, foi entregue no dia 28 de julho de 1980 (...)*”²⁹, revelando outro dado “obrigatório” para que essas pessoas se tornassem, de fato, “donas” ou pretendentes do imóvel, “(...) *era por letra, alfabeto, né, deu a letra M e saiu o nome dele, fiquei muito alegre, (...) assim que pegamos a chave tinha logo que ocupá a casa (...)*”³⁰, visto que algumas famílias não permaneceram no Luizote.

²⁶ Entrevista concedida pela Sra. Vera Lúcia, em janeiro de 2003.

²⁷ Idem.

²⁸ Idem.

²⁹ Entrevista concedida pela Sra. Célia das Graças, em abril de 2005.

³⁰ Idem.

E como muitas outras pessoas e famílias pensam, a Sra. Célia das Graças no momento da posse das chaves da casa própria lembrou bem quando perguntada o que é ter um teto para abrigar a família, um “canto” para criar os filhos, “(...) *eu pensei e falei, ‘graças a Deus’ eu agora to em paz e to sossegada (...)*”³¹, isto é, a tranquilidade familiar.

Passado o grande momento de ter as chaves da casa própria nas mãos, imaginando que dali pra frente os sonhos poderiam virar realidade diante da tranquilidade de já possuírem uma casa para morar, aquelas pessoas viviam horas de ansiedade, uma expectativa “nova” que girava em torno da mudança para o Luizote de Freitas.

Ficava agora uma mistura de alegria, pela “casa própria nova”, pelos novos vizinhos, “outra vida”, com uma expectativa em torno do “medo” da distância do lugar e das “notícias” dos moradores dos bairros da cidade de que ali era “um matagal” e que o “bairro” não ficava em Uberlândia.

Partindo dessa expectativa do deslocamento, o fato de estarem se mudando para um outro espaço urbano e que isso traz lembranças às pessoas sobre o lugar em que viviam, o autor Antonio Arantes escreve como é esse deslocar e como isso é resgatado pelas pessoas:

*“O deslocamento excita a imaginação. Libera lembranças e emoções. Faz reviver narrativas e flagrantes de experiências passadas. Leva ao encontro de referências pessoais e dos lugares de memória social (...) A lembrança constitui o trajeto, obscurece as distâncias, estabelece relações. O caminhar permite a recolha de fragmentos de histórias pessoais e do lugar (...)”*³².

O fato da entrega das chaves no Luizote de Freitas, no ano de 1980, também trouxe alegria para milhares de outras famílias que moravam em casas de aluguel ou dependiam do “favor” dos parentes, morando na casa do fundo.

Assim conta a Sra. Maria Idelira, uma mulher de 59 anos, hoje viúva do Sr. José Cosme Gonçalves, caseira, a matriarca da família, sobre como foi a emoção de ver a casa própria e entrar nela pela primeira vez, “(...) *ai quando eu vi a casa porque eu morava lá, numa casa de três cômodos, eu tinha os quatro meninos e tava grávida (...) ai eu vi a casa*

³¹ Entrevista concedida pela Sra. Célia das Graças, em abril de 2005.

³² ARANTES, Antonio A. Paisagens Paulistanas– Transformações do Espaço Público. Editora da UNICAMP. Imprensa Oficial. p. 119/120.

aqui, 3 quartos, nossa!, foi a maior emoção, você nem sabe explicar (...)”³³, e isto dentro do ano de 1980 quando o conjunto foi entregue à população.

A alegria de ter pegado as chaves da casa própria não foi suficiente para a Sra. Maria Idelira, que no mesmo instante iniciou uma verdadeira “peregrinação” pelo Luizote, isto é claro, para ver toda aquela movimentação e para encontrar a sua casa:

“(...) foi bom, a maior alegria, saí com a minha colega, nós andamos tudinho, até, encontrar aqui (...)”³⁴.

Quando perguntada sobre o que fez assim que teve as chaves da casa própria nas mãos, a Sra. Célia, em suas lembranças, relatou o seguinte, *“(...) vim deceno e deceno, procurano e me informar que era aqui, de frente a lagoa, eu vim e achei o 298 (...)*”³⁵, ou seja, foi logo conhecer o “lugar” que iria morar com a família.

Notemos também o entusiasmo das pessoas naquele mês de julho de 1980, quando de posse das chaves do “paraíso” e da imensa dificuldade em “pegá-las”, por causa da multidão e do grande tumulto, de transformar em poucos segundos, o cansaço em novas energias, a ansiedade em segurança, o medo em alegria, *“(...) quase chorei (...)*”³⁶, na definição que a Sra. Vera Lúcia fez do exato momento em que segurou as chaves da casa própria.

Já a Sra. Sebastiana ao receber as chaves da casa própria se encontrava no trabalho, mas não foi diferente a sua reação, visto que esse momento para as pessoas que vivem de pagar aluguel para morar é sempre emocionante e de muita realização.

Ao ser perguntada o que ela sentiu, qual a primeira reação, ela exclamou:

“(...) quando ela me entrego a chave da minha casa, na mesma hora, assim, aí eu falei: ‘Minha Nossa Senhora da Aparecida!’, aí ajuelhei no meio da cozinha com a chave na mão, que era meu sonho ter uma casa (...)”³⁷.

Os moradores do conjunto Luizote de Freitas escutaram durante muitos anos alguns “apelidos”, um verdadeiro preconceito contra o lugar, que o depreciava em virtude de sua localização bem afastada do perímetro urbano da cidade de Uberlândia, naquela ocasião, o qual não foi problema para eles.

³³ Entrevista concedida pela Sra. Maria Idelira, em agosto de 2005.

³⁴ Idem.

³⁵ Entrevista concedida pela Sra. Célia das Graças, em abril de 2005.

³⁶ Entrevista concedida pela Sra. Vera Lúcia, em janeiro de 2003.

Perguntada sobre o que ela pensava a respeito desses “apelidos” destinados ao Luizote, a Sra. Sebastiana respondeu assim:

*“(...) era um lugar tranqüilo calmo, até uma tia minha, falou um dia pra mim assim: ‘eu! Ir mora na **serra pelada**, vou de jeito nenhum, depois ela teve de vende e muda lá pra cima, lá pro meio do mato (...)”*³⁸.

Esse estigma de ser “comparado” ao garimpo de serra pelada se dava pela distância do conjunto, das ruas não terem pavimentação, isto causando barro na época de chuva e muita poeira na seca, falta de água, falta de luz e a precariedade do transporte coletivo.

Quando perguntei para a Sra. Maria Idelira sobre o que falavam do Luizote para ela, dos “apelidos” preconceituosos colocados pelos moradores dos outros bairros de Uberlândia, e se aquilo era motivo para ela se mudar de lá, ela falou:

*“(...) não queriam mora aqui porque era longe, porque aqui todo lugar que ia tinha de ir era de ônibus, para ir pro centro aqui era muito difícil, uma dificuldade (...) eu nunca desisti não, mas teve várias pessoas que não insistiram, falaram que não ia mora na ‘serra pelada’ não (...)”*³⁹.

O fato de mudarem de Bairros como o Martins, como a Sra. Vera e família, do Jardim Brasília como as Sra. Célia e Sebastiana e famílias, do Patrimônio como o Sr. Sebastião e esposa e do Dona Zulmira como a Sra. Maria Idelira e família não era vista por estas famílias como algo “alegre” e cheio de expectativas satisfatórias, visto terem do conjunto Luizote as “piores” notícias.

*“(...) era só o cascalhão grosso e quando chovia era barro demais e quando tava seco era puera demais (...)”*⁴⁰, assim foi o que encontraram os primeiros moradores do Luizote de Freitas, inclusive a Sra. Célia, quando indagada sobre o que mais lhe marcara, a primeira impressão do “lugar”, confirmando o que os moradores dos outros bairros de Uberlândia falavam do conjunto.

A expectativa da Sra. Vera Lúcia, então moradora da Rua Alexandre Márquez nº 1283, no Bairro Martins, sobre o Luizote não era das melhores, *“(...) eu ia acha muito*

³⁷ Entrevista concedida pela Sra. Sebastiana, em abril de 2005.

³⁸ Idem.

³⁹ Entrevista concedida pela Sra. Maria Idelira, em agosto de 2005.

⁴⁰ Entrevista concedida pela Sra. Célia das Graças, em abril de 2005.

*difícil, por causa da distância, né, eu trabalhava no centro, meu marido também, os meninos estudavam tudo lá no Bairro Martins (...)”*⁴¹, o que se confirmou com a mudança e os primeiros dias no conjunto da família.

Novamente, as péssimas condições em que o conjunto Luizote de Freitas foi entregue a seus moradores viria de encontro ao que era publicado nos jornais da cidade e que era “a voz oficial” das autoridades da época, expressando, de certo modo, um descaso com aqueles “cidadãos”:

*“(...) será asfaltada a via principal de acesso ao conjunto, por onde circularão os transportes coletivos e onde serão construídos três abrigos para passageiros (...)”*⁴².

Mas essa questão de se asfaltar somente a via principal ia de encontro aos interesses daqueles que comandavam o transporte coletivo, pois que não haveria desgaste da péssima frota de ônibus que servia ao conjunto e também porque não dizer da má vontade da prefeitura em arcar com essa benfeitoria para o conjunto, algo que iria ser pago pelos próprios moradores.

Assim veio estampada a notícia, no Jornal Correio de Uberlândia, sobre a questão de se asfaltar ou não as ruas do Luizote:

*“(...) os mais pobres que ficarem com unidades residenciais fora do centro do conjunto não terão que ter, obrigatoriamente, a sua rua asfaltada, se não tiverem condições de pagar a sua parcela. Com essa declaração o Chefe do Executivo de Uberlândia, deixa bem claro, que nunca pretendeu e nem pretende obrigar a ‘NINGUÉM’ ter uma despesa que não possa salda-la dentro do seu orçamento de chefe de família”*⁴³.

Claramente percebe-se pela entrevista do prefeito da ocasião, quando ele fala em “os mais pobres” que a condição principal era não atrasar as prestações da casa própria mesmo que esse trabalhador morasse em uma rua de terra, deixando evidente que mesmo para trabalhadores de “baixa renda”, no conjunto Luizote havia uma distinção entre essas

⁴¹ Entrevista concedida pela Sra. Vera Lúcia, em janeiro de 2003.

⁴² Entrevista do Prefeito de Uberlândia, o Sr. Virgílio Galassi sobre a opção ou não dos moradores em solicitar o asfalto para suas ruas no Conjunto Luizote de Freitas, no Jornal Correio de Uberlândia, em 21/06/1980.

⁴³ Idem.

peessoas, umas poderiam morar na avenida asfaltada e as outras “mais pobres” nas ruas de terra.

Essa condição de morar ou não na avenida asfaltada passaria pelas fichas de inscrição visto que a renda familiar seria essa “condição”, os que tivessem uma renda maior teriam a prioridade de morar nas ruas asfaltadas, os outros morariam conforme suas rendas.

Esta entrevista do então prefeito da época mostra uma vez mais que o “mais moderno”, “mais humano” e “mais funcional” conjunto habitacional da cidade de Uberlândia, então dito pelo Ministro Mário Andreazza, do Interior e o Governador de Minas Gerais Francelino Pereira não passava somente de “propaganda política”.

Morar na casa própria, abrigar a família, não atrasar as prestações, entrar e sair do imóvel sem dar satisfações a ninguém, não ter vizinhos de porta ou de corredor “vigiando” cada passo, isto foram “outros” motivos para as entrevistadas e outros moradores do Luizote mudarem de seus bairros e irem para o “novo conjunto” da cidade.

“Sair do aluguel”, era isso que aquelas pessoas desejaram naquele ano de 1980, quando foram morar no conjunto Luizote de Freitas um “lugar difamado” pelos moradores dos outros bairros de Uberlândia e que não enxergavam ali um local habitado por pessoas, por cidadãos que com seus viveres transformaram-no em seu espaço de modos de vidas e mais ainda, de pertencimento social.

Todavia, os moradores não encontraram uma vida “cômoda” e de facilidades estruturais na infra-estrutura do Luizote de Freitas, seus dia-a-dias sofreram uma mudança brusca e as dificuldades começaram a fazer parte do cenário, como os transtornos enfrentados pelas pessoas que utilizavam o transporte coletivo para o trabalho ou simplesmente para o lazer.

Os problemas encontrados pelos moradores do Luizote de Freitas aliados à dificuldade do dia-a-dia das pessoas fizeram muitos de seus moradores desistirem de morar no “bairro”, chegando mesmo a abandonarem as casas.

O fato de conseguirem as chaves da casa própria significou momentos únicos de alegria, satisfação, vitória e tranquilidade para os moradores do Luizote de Freitas, pois que um dos primeiros benefícios foi o de poderem “dormir em paz”.

Mesmo morando em bairros que contavam com uma ótima infra-estrutura de comércio, lazer, ruas pavimentadas, próximos do local de trabalho a condição de “pagar

aluguel” e estar morando em casa de terceiros não dava a tranquilidade necessária para as pessoas desfrutarem da família e de abriga-la em um imóvel próprio.

“(...) era bão, mas era difícil, era aluguel, né”, tinha de pagar todo mês (...)”⁴⁴, assim lembrou a Sra. Célia ao ser perguntada sobre como era viver no antigo endereço no Bairro Jardim Brasília comparando com a casa do Luizote e a distância, mesmo se deparando com as difíceis condições do “novo lar”.

Outra entrevistada, a Sra. Maria Idelira também lembra o que foi deixar o aluguel para se mudar para o conjunto, expressando assim qual a importância da casa própria para a família e como o secretário geral do BNH tentou se justificar em sua entrevista quando fala com relação às “sub-moradias” em Uberlândia:

*“(...) morava no Dona Zulmira (...) lá eu morava de aluguel, uma colônia, tinha era onze casas (...) não tinha esgoto, não tinha água encanada, morei uns seis anos lá (...) não tinha posto de saúde(...)”*⁴⁵.

Conseguir as chaves da casa própria para a Sra. Maria Idelira e família teve um sentimento além da alegria, *“(...) Nossa! Parece que o coração acelera assim, você fica pensano, será que é verdade, será que to sonhando ou o que ta acontecendo (...) é muito gratificante, assim sei lá, saí do aluguel, aqui é meu, eu posso fazer o que eu quiser (...)*”⁴⁶, conforme suas lembranças.

A conquista das chaves da casa própria para a Sra. Vera Lúcia e família teve uma dimensão enorme do que é ganhar tranquilidade e paz mesmo morando anteriormente em um bairro tão próximo do centro de Uberlândia e com diversas facilidades e comodidades como tem o Martins.

“(...) a melhor coisa da minha vida, você ter a sua casa, sabe, nossa! É a melhor coisa que tem, ninguém te perturba, você faz o que você quer, ora que você fecha o portão ninguém te amola (...)”⁴⁷, foi o que lembrou a Sra. Vera quando perguntada sobre o que é morar em uma casa própria.

Já outra entrevistada, a Sra. Sebastiana, em sua memória, quando perguntada sobre o que é ter uma casa própria, lembra bem de um sentimento de independência e alívio com

⁴⁴ Entrevista concedida pela Sra. Célia das Graças, em abril de 2005.

⁴⁵ Entrevista concedida pela Sra. Maria Idelira, em agosto de 2005.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Entrevista concedida pela Sra. Vera Lúcia, em janeiro de 2003.

relação a morar de aluguel, o fato de pagar todo mês, procurando não atrasar o pagamento e não ser a proprietária da casa ou morar “de favor” na casa dos parentes quando compara com sua casa própria:

*“(...) eu não precisei fica em casa de parente, largo de pagá um aluguel (...) o que seria de mim pagano um aluguel que hoje eu não dô conta (...) eu não dô conta de trabalha mais (...)”*⁴⁸.

A Sra. Sebastiana lembra também como era um dia na casa alugada do Bairro Jardim Brasília antes da mudança para o Luizote de Freitas:

*“(...) era bem diferente, porque você tinha que trabalha e pensano, nossa! Tenho que paga o aluguel, será que vai dá, aí depois a pessoa pega, às vezes você ta lá tranqüilo, acostumado na casa, a pessoa manda você saí, precisa da casa (...)”*⁴⁹.

A alegria dos primeiros moradores do Luizote de Freitas, o fato de possuir as chaves da casa própria, sair do aluguel, foram momentos únicos na vida daquelas pessoas que começariam a traçar novos caminhos a partir do imóvel próprio.

Todavia muitas dificuldades apareceram, mas nada tão “assustador” do que ir para um lugar longe e começar a enfrentar novos desafios, diferentes para toda a família, mas necessário para se conseguir adaptar ao “novo lugar”.

A família da Sra. Vera Lúcia até então moradores da Rua Alexandre Márquez, 1283 não conheciam a realidade de andar de transporte coletivo tanto para o trabalho quanto para o lazer, e isto eles conheceram ao se mudarem para o Luizote.

Essa expectativa não era das melhores, complicado por causa da distância, o trabalho dela e do marido no centro da cidade, *“(...) tomar ônibus, então a gente não era acostumado com isso (...)”*⁵⁰, tudo era novidade, mas também causava um grande receio, uma barreira superada pela família com muita luta.

Não só a enorme distância do local de moradia para o trabalho da Sra. Vera e do marido o Sr. Clairton os atormentava como também a quantidade de ônibus não era suficiente para atender as pessoas do Luizote, *“(...) há, difícil demais, porque os ônibus, tinha acho que só uns cinco ou seis ônibus pra todo mundo, a população todinha, então ia*

⁴⁸ Entrevista concedida pela Sra. Sebastiana, em abril de 2005.

⁴⁹ Idem

⁵⁰ Entrevista concedida pela Sra. Vera Lúcia, em janeiro de 2003.

*gente na porta pendurada pra tudo quanto é lado, sabe, foi muito difícil (...)*⁵¹, o que causavam alguns aborrecimentos para a família e para todos.

Ela lembra um desses “dias de sufoco”:

*“Nossa Senhora! O maior sufoco, levantava (...) e teve um dia que eu levantei três horas da manhã (...) dormia atordoada com medo de perder o horário, tinha de bater o cartão sete horas, então era difícil demais por causa do ônibus (...) se perdesse aquele das seis horas, só iria pegar o das sete horas, depois então era muito difícil (...)*⁵².

Assim era para a Sra. Vera levantar cedo para ir ao trabalho, trabalho este no centro da cidade em relação à quantidade de ônibus que serviam ao conjunto Luizote de Freitas e como eles estavam enfrentando o “novo” dia-a-dia de terem de se deslocar até o trabalho usando o transporte coletivo.

Para a Sra. Célia das Graças o problema do transporte coletivo, naqueles primeiros anos de Luizote, era sentido quando a mesma tinha de ir para a escola à noite, *“(...) não tinha o ônibus circular, não vinha até aqui, ele só vinha, com o passar do tempo só vinha até a avenida (...) o ônibus demorava bastante parece que era umas três vez no dia só que vinha (...)*⁵³, assim ela descia na avenida principal, a José Fonseca e caminhava até sua casa que fica próxima do poliesportivo do conjunto, aproximadamente 1,5 km de distância.

Essa questão de ir morar no Luizote para a Sra. Sebastiana também foi uma “dura batalha”, pois que as precárias condições do transporte coletivo a assustavam no mesmo patamar de ir morar naquele lugar tão longe, batalha esta confirmada no dia-a-dia, como lembra muito bem:

*“(...) muito cheio, muito intupido, a gente ia pendurado, naquele tempo ‘nova’, na época ‘dava pra ir não’ (...)*⁵⁴.

Na memória da Sra. Maria Idelira a noção da distância enfrentada pelos moradores do Luizote ficava bem demarcada quando lembra, *“(...) pegava o ônibus ali, saía daqui, era quase uma viagem (...)*⁵⁵ e também pelos gestos dos braços apontando para o alto,

⁵¹ Entrevista concedida pela Sra. Vera Lúcia, em janeiro de 2003.

⁵² Idem.

⁵³ Entrevista concedida pela Sra. Célia das Graças, em abril de 2005.

⁵⁴ Entrevista concedida pela Sra. Sebastiana, em abril de 2005.

⁵⁵ Entrevista concedida pela Sra. Maria Idelira, em agosto de 2005.

como que fazendo uma alusão ao céu, isto é, um lugar tão longe e distante como chegar no espaço.

Assim, percebemos que o temor das pessoas em morar no “novo bairro” de Uberlândia não tinha nenhum exagero, a enorme distância em relação ao centro da “cidade” fazia com que os moradores mudassem bruscamente suas rotinas de vida, tanto para quem trabalhava fora quanto para as que eram donas de casa.

Isto é, mesmo fora do perímetro urbano, na ocasião, a casa própria no Luizote foi de fundamental importância para aquelas pessoas, pois que significou sair do aluguel, possuir um imóvel próprio e não depender das outras pessoas, no tocante, a “morar de favor” em imóveis de terceiros e terem uma independência pessoal e familiar.

Não só sair do aluguel, conquistar independência, mas saber que aquele imóvel agora era próprio e que “ninguém” poderia exigir a saída deles de uma ora para outra para reformar o imóvel ou para que o proprietário ocupasse a casa novamente.

Até então, mesmo aquelas pessoas não tendo casa própria, trabalhavam muito próximo de suas residências, tinham o benefício do calçamento, pavimentação de vias públicas, comércio e escola pertos de casa, água e luz não faltavam, ou seja, mudar não significou apenas trocar de endereço, mas conhecer, adaptar, acostumar, enfrentar e vencer todas as dificuldades.

CAPÍTULO II

Lembranças e experiências sobre a construção de um lugar na cidade...

*“(...) eu me senti uma guerreira e mulher que eu sou
(...)”*

Sra. Sebastiana Soares da Silva

Passados os primeiros momentos de alegria com a entrega das chaves da casa própria no Luizote de Freitas, a expectativa da mudança para a “serra pelada” e do “sufoco” para se atingir a renda necessária para a aquisição da casa, os primeiros moradores do conjunto agora iriam experimentar a sensação de viver os primeiros dias no novo lar.

Neste capítulo serão enfocados, através de suas memórias e lembranças, os dia-a-dias dos moradores do conjunto Luizote, como foi a primeira noite na nova casa, a relação com os vizinhos, os primeiros comércios, as ruas de terra e as histórias lembradas, tristes ou alegres, pelos entrevistados.

Como por suas lembranças eles enfrentaram o fato da precariedade do transporte coletivo, quais eram os espaços de lazer no conjunto, como faziam para “driblar” o fato de no conjunto “faltar de tudo” onde compravam os gêneros alimentícios, enfim, como nos primeiros anos de Luizote eles empreenderam seus modos de vida e tornaram o “lugar longe da cidade” em um lugar de pertencimento social, no “melhor lugar para se viver em Uberlândia”.

Pelo que pude perceber, tão importante quanto conquistar as chaves da casa própria foi também o fato de entrar pela primeira vez dentro desse imóvel, ter a consciência que foi uma conquista demorada, árdua, difícil e poder colocar a cabeça no travesseiro e pensar que se está dentro da sua casa.

Saber que os filhos podem dormir em paz que a partir daquele momento a casa própria está conquistada, ou seja, entrar, trancar a porta e dormirem sossegados, “(...) ótimo, eu não escutava nem um galo ‘aqui’ (...)”⁵⁶, era o sonho da família da Sra. Vera, foi como ela lembrou ao explicar o “primeiro dia, a primeira noite no Luizote”.

⁵⁶ Entrevista concedida pela Sra. Vera Lúcia, em janeiro de 2003.

Quanto à Sra. Maria Idelira e família a alegria e o entusiasmo não poderiam ter sido diferentes ou menor, “(...) mudei no dia 24 de setembro de 1980, (...) aí a noite a gente deitava e nem dormia né, não acreditava (...)”⁵⁷, ao lembrarem da primeira noite no Luizote, isto é, a primeira noite na casa própria.

E ela acrescenta também o entusiasmo do marido:

*“(...) meu marido trabalhava no Caiapó nessa época, aí ele tinha de levantar de madrugada, mas ele não conseguia dormir, né, lá os meninos dormiam tudo junto porque não tinha lugar de por cama, chegamos aqui a casa toda espaçosa (...) a gente nem conseguia dormir (...) até um sonho a gente tá aqui dentro (...)”*⁵⁸.

Nesta lembrança da Sra. Maria Idelira, percebe-se uma estratégia do governo municipal que ao construir o Conjunto Luizote de Freitas o fez de maneira que sua localização fosse a mais próxima das grandes empresas da cidade, Granja Rezende, Frigorífico Caiapó e Souza Cruz, as mesmas as quais foram entregues os informativos sobre o conjunto possibilitando aos seus funcionários adquirirem suas casas próprias.

Nota-se que a localização do conjunto Luizote de Freitas é estratégica no sentido de ser próximo à rodovia 365/452 e dar acesso ao hoje Anel Viário Ayrton Senna que liga, de maneira mais rápida, a região oeste da cidade ao Distrito Industrial, além de ter sido construído em uma região “desabitada” em que às suas voltas as terras pertenciam aos grandes latifundiários da cidade.

Dona Célia das Graças também tem boas lembranças em relação à primeira noite da família na casa própria no conjunto e recorda mais uma vez o “pesadelo” deixado com a aquisição da casa:

*“(...) foi uma alegria muito grande e a gente até então tinha sofrido bastante pagano aluguel (...)”*⁵⁹.

Notemos mais uma vez o quanto foi importante para os entrevistados conseguirem a casa própria e saírem de terem de pagar o aluguel todo fim de mês, o que para eles era um “sofrimento”, segundo suas próprias lembranças.

⁵⁷ Entrevista concedida pela Sra. Maria Idelira, em agosto de 2005.

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ Entrevista concedida pela Sra. Célia das Graças, em abril de 2005.

Outra lembrança não menos entusiasmada e “curiosa” partiu da Sra. Sebastiana sobre a primeira noite em que dormiu na sua casa própria junto dos quatro filhos e dos “outros moradores” da casa no Luizote:

“(...) dormia, acordava, levantei cedinho, andei em volta da casa tudinho de novo, eu tinha galinha, tinha mulata, cachorro, conversei com eles tudo (...)” ⁶⁰.

O entusiasmo da entrevistada pôde ser medido no olhar de satisfação quando lembra do tempo em que adquiriu a casa própria, no ato de entrar pela primeira vez na casa, visto que algumas coincidências marcaram para ela o fato de ter conseguido justamente aquela casa, mesmo não conhecendo bem Uberlândia, pois que havia chegado há pouco tempo na cidade.

A entrevistada Sra. Sebastiana além de seu trabalho de doméstica vendia salgados, nos fins de semana, para sua mãe e o Luizote era um dos seus caminhos e não por acaso a rua da sua atual casa, antiga C 27, fazia parte de seu roteiro.

Outro fato notado nas lembranças dos entrevistados é a péssima condição dos imóveis que eles moravam, antes de se mudarem para o Luizote:

“(...) a minha mãe morava ali no Dona Zulmira, eu saía vendendo caxinha com os meus meninos, e eu saía, subia aqui na 26 e descia aqui na 27, cheguei aqui na porta, eu parei de frente essa casa, pequenininha, e ela tava limpinha, pintadinha de verde, aí eu olhei, eu morava em uma toda estragada (...)” ⁶¹.

As características da casa marcaram a Sra. Sebastiana que lembra, segundo ela, ‘como se fosse ontem’, do que falara olhando para aquela casa:

“(...) aí eu olhei, parei, e falei assim: ‘olha que casa mais bonitinha, né, o povo podia dexá a gente mora’, o mato tava tampano, aí dexava a gente mora, a gente zelava, capinava e ficava morano, se precisava a gente saía e fiquei com essa casa na cabeça (...)” ⁶².

⁶⁰ Entrevista concedida pela Sra. Sebastiana, em abril de 2005.

⁶¹ Idem.

⁶² Idem.

Pelas lembranças e memórias dos entrevistados, o desejo das pessoas em ter uma casa própria, abrigar a família se tranquilizando com relação à moradia é algo certo no dia-a-dia daqueles que não tem uma casa para morar ou moram de aluguel.

Esse fato não era diferente para os primeiros moradores do Luizote e não menos para Dona Sebastiana, que fez da sua vontade em habitar a casa nº 61 da antiga rua C 27, um algo maior e muito forte:

“(...) eu passei, admirei e quis morar nela (...)” ⁶³.

Para a “surpresa” da entrevistada, após ir duas vezes para fazer a inscrição da casa, na Praça Tubal Vilela, conseguida na segunda com a “ajuda” da patroa, ela, finalmente realizava o sonho de possuir a casa própria e mais especificamente, aquela casa:

“(...) daí um ano, não chego a um ano, a mulher veio me mostrá a casa e ela parou na porta da casa que eu tava quereno mora (...)” ⁶⁴.

Porém para a Sra. Sebastiana ainda tinha a expectativa de chegar ao local da casa própria no Luizote que ela não sabia onde seria e que durante o percurso alimentava a ansiedade e a curiosidade da mesma:

“(...) aí entrei com ela no carro, pra mim foi uma viagem, né, porque eu não conhecia aqui, quando entrou ali assim, ela parou aqui na porta da minha casa, casa que sempre eu queria, que eu tinha em vista (...)” ⁶⁵.

E não diferente das outras entrevistadas a emoção do primeiro dia na casa própria tomou conta da Sra. Sebastiana que muito emocionada lembrou do momento em que entrou pela primeira vez junto dos filhos em sua casa:

“(...) quando eu entrei pra dentro dela, e sabe que ela era a casa que eu desejei mora, isso é uma coisa que eu nunca esqueço, fiquei das mais feliz, ta dentro da minha casa, não tinha móveis, não tinha nada, era uma coiserada, e vim pra cá (...)” ⁶⁶.

Além de todas essas questões anteriores com relação à conquista da casa própria e o fato da primeira noite ser um dos momentos mais gratificantes para aquelas pessoas

⁶³ Entrevista concedida pela Sra. Sebastiana, em abril de 2005.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ Idem.

naquele ano de 1980, no conjunto Luizote de Freitas, havia um fator peculiar no tocante a casa, como bem lembrou um dos entrevistados.

“(...) o fato de morar em uma casa ‘nova’ foi o mais interessante, ser o 1º morador da casa (...)” ⁶⁷, lembra o Sr. Sebastião Francisco que por morar de aluguel no Bairro Patrimônio, “um bairro antigo de Uberlândia”, pode sentir a emoção de conseguir a casa própria e de habitar um imóvel “novo”, e também:

“(...) no primeiro dia de dormir ‘eles’ se sentiram bem, pois a casa do Luizote era maior que a do Patrimônio, foi o sono mais tranquilo que havia sentido durante muito tempo (...)” ⁶⁸.

Aqueles primeiros dias na nova casa foram comemorados com muita intensidade pelas pessoas da família e os famosos almoços de comemoração aconteceram e celebraram o maior acontecimento para os “novos moradores” do Luizote.

“(...) foi só alegria, meu marido trabalhava na ‘granja’, aí na época eles podia compra uns galo que tinha lá de um tamanho que podia carrega gente (...) aí compro dois galo e foi faze almoço, chamo a família toda, foi só alegria e até hoje ‘graças a Deus’, é aqui que eu moro (...)” ⁶⁹,

foi o que lembrou-se a Sra. Célia ao ser perguntada sobre como comemoraram o primeiro dia da família no novo lar.

Já na memória da Sra. Sebastiana o primeiro dia teve comemoração, mas teve muito trabalho também para deixar a casa em ordem antes da mudança, pois que o imóvel precisava de uma limpeza para recebe-los.

“(...) isso a gente veio, limpo tudo, no sábado limpo tudo, tinha um buraco enorme ali na entrada, que tudo que tinha no quintal coube dentro desse buraco, era um rombo na porta da sala (...)” ⁷⁰, e não paro o trabalho por aí, *“(...) aí veio aquele mutirão e come tudo, enfio dentro desse buraco, junto terra e tampo, fico bonitinho, cabo os mato (...) eu me senti tão rica, tão bem na minha vida, o chão grosso (...)”* ⁷¹.

⁶⁷ Conversa Informal, escrita, com o Sr. Sebastião Francisco de Castro sobre a primeira noite no Conjunto Luizote de Freitas, em novembro de 2003.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Entrevista concedida pela Sra. Célia das Graças, em abril de 2005.

⁷⁰ Entrevista concedida pela Sra. Sebastiana, em abril de 2005.

⁷¹ Idem.

Mas especial mesmo foi comemorar com os filhos a inauguração da casa nova e todos os móveis que ela ganhara da irmã, a Sra. Célia e de alguns vizinhos:

*“(...) eu fiz até janta, com uma galinha seca, sequinha na mudança, tava viva, varri, lavei tudo, arrumei, torci o pescoço dela, fiz uma janta e tanto, arroz e galinha separada, galinha cozida prum lado, arroizinho branquinho de cá e tinha um jogo de prato novo, estreei tudo, a casa (...)”*⁷².

E mesmo o fato de ter uma vida simples, porém “vitoriosa” como sempre ressalta a entrevistada acima, à noite quando os filhos foram dormir na casa nova, ela lembra que o sentimento de alegria era evidente o que percebi pelas suas declarações e pela entonação da voz,

*“(...) aí, meus meninos não tinha cama, joguei o colchão no chão, colchão veio (...) aí eu pus lá no chão e os menino ficava feliz que a casa tava novinha (...)”*⁷³.

A aquisição da casa própria no Luizote proporcionou momentos inesquecíveis para as pessoas naquele ano de 1980, momentos estes que ficaram registrados na memória delas e lembrados com alegria e saudades, pois significaram conquista e tranquilidade para elas e a família.

Ou seja, lembrar o passado, as dificuldades enfrentadas no início fizeram com que os moradores do Luizote valorizassem o “lugar” que moram, pois que suas memórias buscam o que mais lhes significou “histórias de luta” para conseguir a tão sonhada “casa própria” o que vem relacionar com o que hoje eles conquistaram, a casa própria, e esta modificada conforme seus modos de vida:

*“A memória é, por definição, um termo que chama a nossa atenção não para o passado, mas para a relação passado-presente. É porque ‘o passado’ tem esta existência ativa no presente que é tão importante politicamente”*⁷⁴.

É óbvio que as práticas humanas são práticas políticas, assim a aquisição da casa no Luizote por aquelas pessoas também foi uma prática política, visto desejarem adquirir a

⁷² Entrevista concedida pela Sra. Sebastiana, em abril de 2005.

⁷³ Idem.

⁷⁴ GRUPO MEMÓRIA POPULAR. Muitas Memórias, Outras Histórias. Memória Popular: Teoria, Política, Método. Editora Olho d'Água, maio/2004, p. 286.

casa própria, o processo para se atingir a renda familiar, o fato de irem receber as chaves e isto preservado em suas memórias e lembradas como algo intrínsecas às suas vidas.

Estas práticas políticas são também práticas de pessoas cidadãs e que tornaram o Luizote de Freitas através de suas movimentações sociais “um lugar na cidade” em que me reporto ao Autor Antonio A Arantes:

*“A cidade (...) continua sendo **lócus** e objeto de importantes disputas na incessante estruturação prática e simbólica da cidadania”.*⁷⁵

A história de uma cidade, de um lugar, um vilarejo tem muito de seus acontecimentos descritos, lembrados e narrados pela História Oral, as memórias, lembranças das pessoas são avivadas e os acontecimentos vêm com uma precisão incrível, no entanto, podemos estar escrevendo apenas as passagens que mais apreciam os entrevistados ou aqueles frutos da imaginação dos narradores da história.

Não obstante às boas lembranças dos primeiros dias vivendo no “novo bairro” de Uberlândia, juntamente com o fato de serem os primeiros moradores das casas, a “casa espaçosa”, a “libertação” de pagar aluguel, também os problemas com a falta de infraestrutura do conjunto foi sentida pelos moradores.

Esses “problemas” como a falta de água, de luz elétrica, ruas sem pavimentação, falta de supermercados e sistema de transporte coletivo precário foi enfrentado pelos moradores que tiveram de mudar suas rotinas de vida e se adaptarem às “novas” condições de vida.

Conforme suas lembranças os primeiros dias de Luizote, os primeiros anos não foram somente de alegrias, as dificuldades surgiram e surpreenderam os moradores que foram deparando-se com imprevistos, e estes com o passar dos dias incomodando e fazendo parte da rotina.

*“(...) o hidrômetro era parcelado, depois que ligava a água, (...) enquanto isso pegava água nos vizinhos (...)”*⁷⁶, e não só esse problema com a falta da água encanada atormentava os moradores, *“(...) com a energia usava umas velas, demorava uns dias para*

⁷⁵ ARANTES, Antonio A. Paisagens Paulistas – Transformações do Espaço Público. Editora da UNICAMP. Imprensa Oficial. p. 161.

⁷⁶ Conversa Informal, escrita, com o Sr. Sebastião Francisco de Castro sobre a falta de água e da luz elétrica nos primeiros de Luizote de Freitas, em novembro de 2003.

ligar, foi feito por etapa (...)”⁷⁷, assim começava a vida das pessoas no “mais moderno, mais humano e mais funcional” conjunto habitacional de Uberlândia.

Esses “pequenos problemas” já foram difíceis para o Sr. Sebastião enfrentar, posto que ele saía de manhã para trabalhar e chegava em casa à tarde, imaginem para uma dona de casa, e mais ainda, uma mulher que trabalhasse fora.

*“(...) faltava água demais da conta (...) luz elétrica tinha problema direto, você ficava no escuro (...)”*⁷⁸, recorda a Sra. Vera que trabalhava no posto de saúde do Bairro Martins e que nos primeiros dois anos de Luizote saía cedinho de casa para o trabalho e tinha o final de semana para colocar a “casa em ordem”.

Para a Sra. Célia das Graças essas dificuldades não foram diferentes, *“(...) não tinha ligado água, não tinha luz, nessa época até a CEMIG e o DMAE trabalhou o dia inteiro no domingo, fazendo as ligação (...)”*⁷⁹, pois além de ser dona de casa ela ainda estudava à noite, o que no Luizote também não era nada fácil por causa do péssimo sistema de transporte coletivo.

*“(...) só na José Fonseca, aí eu tinha que desce na avenida tarde, vinha até aqui (...) eu estudava ainda (...)”*⁸⁰, era a rotina da dona de casa que enfrentava a falta de água, falta da luz elétrica, poeira e também o fato do ônibus coletivo só transitar na via pavimentada, a Av. José Fonseca e Silva.

Tentando se ajustar aos “pequenos problemas” encontrados no Luizote de Freitas nos primeiros anos de inauguração, como a falta de água e luz elétrica, a família da Sra. Maria Idelira, procurava por meios próprios adequarem-se:

*“(...) eles ficavam fazeno, arrumano a terraplenagem, aí passava aqueles caminhão pipa, que a gente pegava água para dar banho nas crianças, joga no chão porque o piso era grosso, mas foi muita dificuldade, mas valeu a pena (...)”*⁸¹.

Com relação à “fala” no Jornal Correio de Uberlândia no dia da inauguração do Luizote de Freitas pelo Ministro Mário Andreazza para a realidade dos moradores, nota-se que a construção do dia-a-dia não foi somente flores, os espinhos acompanharam o

⁷⁷ Idem à nota 76.

⁷⁸ Entrevista concedida pela Sra. Vera Lúcia, em janeiro de 2003.

⁷⁹ Entrevista concedida pela Sra. Célia das Graças, em abril de 2005.

⁸⁰ Idem.

ramallete e estes fortaleceram não só a convicção dos moradores de que ali era o “lugar dos sonhos”, como fortaleceu também, o laço de amizade entre os vizinhos.

O autor Antonio A Arantes em sua obra Paisagens Paulistanas nos remete a uma convivência pessoal em que o espaço físico é importante para dimensionar as relações sociais em que as práticas sociais proporcionam vivências, experiências, mudanças de viveres e uma ordenação desses espaços:

*“(...) a observação das atividades que ocorrem num espaço delimitado, ao longo do tempo, permite acompanhar como se configuram as relações sociais, os conflitos, os jogos de poder e a violência (...)”*⁸².

Sobre a relação com os seus vizinhos a Sra. Sebastiana lembrou assim, desde o dia em que se mudou para o Luizote de Freitas:

*“(...) tem uns vizinhos maravilhosos, tem, graças a Deus, não tenho o que reclamar, nós é uma família, se sentir uma dor todo mundo sai, o que puder faze, faz, morreu um é uma equipe (...)”*⁸³.

Para a Sra. Vera Lúcia a adaptação da família no Luizote ocorreu da melhor maneira possível, principalmente para os filhos, na ocasião, pequenos, não tiveram dificuldades no “novo bairro”, já que tinha espaço para brincar e agora um lar próprio para morar.

*“(...) todo mundo, eles era pequeno, mas fico muito feliz, sabe, assim de brinca, tudo novo, né, (...) bairro novo, tudo aberto, sabe, e eles passava de um quintal pro outro (...)”*⁸⁴, assim foram os primeiros anos dos filhos da Sra. Vera no Luizote de Freitas.

Também nos primeiros anos de Luizote a convivência com os novos vizinhos foi e continua sendo a melhor, como uma família, *“(...) até hoje nós é tudo entrosado, sabe, nunca teve briga com ninguém, tudo, tudo assim, é uma família aqui nessa rua sabe (...)”*⁸⁵, segundo a entrevistada, Sra. Vera, que lembra a relação da família com os vizinhos.

Também para os filhos da Sra. Maria Idelira a adaptação no Luizote foi fácil e rápida, com a nova casa as crianças tinham lugar de brincar e muito espaço, como lembra:

⁸¹ Entrevista concedida pela Sra. Maria Idelira, em agosto de 2005.

⁸² ARANTES, Antonio A. Paisagens Paulistanas– Transformações do Espaço Público. Editora da UNICAMP. Imprensa Oficial. p. 118.

⁸³ Entrevista concedida pela Sra. Sebastiana, em abril de 2005.

⁸⁴ Entrevista concedida pela Sra. Vera Lúcia, em janeiro de 2003.

⁸⁵ Idem.

*“(...) foi importante demais (...) a gente mora de aluguel não tem privacidade, igual eu, morava numa colônia, os menino pequeno, não tinha privacidade, lugar de menino brinca, agora chego aqui não, aqui eles fico solto, quintal grande não tinha muro eles ficaram à vontade (...)”*⁸⁶.

Durante os primeiros anos de Luizote muitas foram as histórias acontecidas no conjunto, algumas inusitadas, outras de tristes lembranças e outras de provocaram risos e mais risos dos entrevistados, pois que marcaram suas trajetórias no conjunto e foram delineando seus espaços de convivência.

Como lembra muito bem a Sra. Vera se referindo ao, hoje, Bairro Jardim Patrícia:

*“(...) ali era mato, eu ia buscar lenha ali para ferver roupa, era pasto ali, nós buscava bucha para tomar banho, cabaça, sabe aquelas cabaças para tomar água, eu nem sabia que existia aquilo mais, ‘aqui’ eu achei (...)”*⁸⁷.

Também se referindo ao conjunto Luizote assim que se mudou para lá a Sra. Célia das Graças em um tom mais afirmativo lembrou-se, *“(...) no dia que eu mudei, mudei pra roça (...)”*⁸⁸, e completou em uma concordância com o que falara a Sra. Vera com relação ao fato de estarem morando tão longe da “cidade”, *“(...) tinha bastante fazenda aqui em volta, a gente ia com a meninada panhá laranja e manga (...)”*⁸⁹.

Outras lembranças que marcam um dia-a-dia que identifica no Luizote vivências urbanas dentro da cidade de Uberlândia foram os ocorridos com o Sr. Clairton, marido da Sra. Vera e com a Sra. Sebastiana, ambos relacionados com uma bicicleta.

As lembranças da Sra. Vera em relação ao marido dela com a bicicleta que o mesmo utilizava para ir ao trabalho denunciavam também práticas dos moradores do conjunto, pois ao abrirem os famosos “caminhos de terra”, alternativas de percursos, eles empreendem mudanças na cidade que mais tarde viria a se transformar em uma importante avenida que liga o Luizote ao Bairro Planalto e conseqüentemente ao centro de Uberlândia.

O ocorrido foi na estrada de terra que é hoje a Av. Joaquim Leal de Camargos, com o Sr. Clairton que se deslocava para o serviço “na Cidade” de bicicleta e foi vítima de um

⁸⁶ Entrevista concedida pela Sra. Maria Idelira, em agosto de 2005.

⁸⁷ Entrevista concedida pela Sra. Vera Lúcia, em janeiro de 2003.

⁸⁸ Entrevista concedida pela Sra. Célia das Graças, em abril de 2005.

⁸⁹ Idem.

acidente ao bater em pedras de cascalho, o qual machucou-se no rosto e em várias partes do corpo:

“(...) um dia o Clairton ia descendo com tudo ali, passô numa pedra, o cascalho, tinham jogado cascalho, o Clairton ia descendo com tudo, sabe, o cascalho, a pedra acho que era muito grande ele capoto e foi raspando, assim (gestos) no asfalto, no asfalto não, no cascalho assim ó, nossa! o coro do braço do Clairton rancô todinho assim (gestos) (...) ali era só, era na terra e eles tinha passado a máquina e jogou cascalho (...) aí capoto, foi rastano, porque era descida (...)foi deceno e lavano as costas e o braço assim (...)”⁹⁰.

“O caminho de terra” havia sido cascalhado há poucos dias e por ser uma descida não possibilitou ao acidentado o apoio ideal para frear a bicicleta, “o caminho” era quase todo de terra e dependendo do rumo que tomasse para trabalhar, “ele” só iria pegar asfalto na rodovia Br 365/452 (Av. Juscelino Kubstichek), saída para a cidade de Monte Alegre.

Algumas peculiaridades nos “leva” aos tempos em que a cidade de Uberlândia “existia” dos Bairros Roosevelt até o Tibery, passando pelo Santa Mônica até o Lagoinha, chegando até o Bairro Dona Zulmira (Posto Espigão).

Já com a Sra. Sebastiana o fato ocorreu dentro do Luizote, próximo do poliesportivo e da casa da sua irmã a Sra. Célia:

“(...) tinha uma bicicleta, de quem era a bicicleta nem sei, só sei que eu era muito custosa, aí muntei, o ônibus descia ali, fui pedalano, passei lá na porta da Célia, fiz tchau pra Célia, eu sei que fui até na oficina do manson, não tinha nada, não tinha cerca, não tinha nada, sabe que eu caí lá no poli, lá era mato, né, caí no meio do juá, aqueles trem de espinho (...)”⁹¹.

E continuou lembrando após muitos risos sobre o que ocorrera com ela mesma:

“(...) aí eu fui, voltei de boa, aí quando o ônibus desceu daqui pra lá, ele tava de cá, aí eu pus na cabeça que o ônibus ia me pega lá na esquina da Célia minha irmã, e fui arreda, eu tenho de saí, o ônibus vai me pega, vai me pega, aí caí lá dentro do poli, lá naquela ribanceira daquela cerca lá e

⁹⁰ Entrevista concedida pela Sra. Vera Lúcia, em janeiro de 2003.

⁹¹ Entrevista concedida pela Sra. Sebastiana, em abril de 2005.

tinha umas coisas de juá, aquele trem redondo assim que tem espinho, pra entra lá foi uma benção e pra saí depois (...)”⁹².

Conforme as lembranças da Sra. Maria Idelira fatos inusitados e engraçados também marcaram os primeiros anos da família no Luizote:

“(...) a primeira vez que nós saímos à noite nos fomos na casa de uns cumpadre nosso lá no Dona Zulmira, aí os menino pequeno, aí cada casa era uma verde, amarela, laranja, azul, aqui em casa era vermelha, toda casa que tinha porta vermelha meu muleque chegava, o Elvis, era pequeno nessa época, aí toda casa que tinha porta vermelha ele parava, achava que era aqui (...)”⁹³.

Nas suas memórias outro fato engraçado, agora com o marido dela, já falecido, também foi motivo de risos e alegria:

“(...) meu marido também, aí, ele veio do serviço, começo a chuva, aí ele desceu do ônibus tinha o ônibus do serviço, parava ali em baixo, ele veio correno, a primeira casa de porta vermelha que ele chego, ele bateu, aí pego, abriu (...) ‘desculpe! Pensei que era minha casa (...)’⁹⁴.

O engano do marido foi justificado pela mesma, *“(...) as ruas tudo de terra, tudo igual, a única asfaltada que tinha era a B1 e lá a C8, o ônibus subia na B1 e descia na C8 era tudo cheio de terra, tudo sem muro, tudo aberto, mais ou menos tudo igual, aí veio correno (...)”⁹⁵*, isto é, pelo fato do conjunto ter sido entregue sem a infra-estrutura completa e pela uniformidade da estrutura das casas que se diferenciavam pelas portas pintadas de cores diferentes, como ela mesma lembrou anteriormente.

Percebemos como o dia-a-dia das pessoas em seus espaços de vivência vai criando histórias e estas se tornam parte da própria história da cidade vez que o movimento dos moradores ora para o trabalho, ora para o lazer, ora para casa tecem uma “teia histórica” em que o historiador por meio das fontes orais transforma em histórias de vida na cidade.

⁹² Entrevista concedida pela Sra. Sebastiana, em abril de 2005..

⁹³ Entrevista concedida pela Sra. Maria Idelira, em agosto de 2005.

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ Idem.

Esse dia-a-dia é importante para a História Oral como escreve o autor Alessandro Portelli, pois que a lembrança das pessoas em um determinado lugar é também história da cidade em que vivem, dos movimentos que realizam diariamente:

*“Uma coisa que a História Oral pode ver, que todos os arquivos e a História convencional não vêem, é precisamente a vida cotidiana. (...) a história das mulheres, a história da família, a história da casa, do espaço doméstico, ou seja, são coisas que só podem ser tocadas por meio das fontes orais, ou que se tocam melhor com as fontes orais”*⁹⁶.

Outra dificuldade imposta pela precariedade estrutural do Luizote às famílias e que as mesmas se lembram muito bem, foi uma capacidade de se adaptarem à “falta de tudo”, pois *“(...) aqui não tinha nada, nem um pão (...)”*⁹⁷, com isso foi necessário uma mudança nos hábitos das famílias que precisavam “importar” gêneros alimentícios e outros produtos da “cidade”, mais precisamente do antido supermercado Alô Brasil na esquina da Av. João Pinheiro com a Rua Teixeira Santana, para o Luizote.

Esse fato de terem de comprar alimentos em outros bairros foi lembrado pela Sra. Célia denunciando também a precariedade do Luizote em termos de comércio:

*“(...) foi muito difícil, não tinha feira, não tinha farmácia, comércio nenhum não existia, a gente tinha que ir, assim até o Dona Zulmira, o bairro mais próximo, no Martins faz compra, não tinha comércio nenhum (...)”*⁹⁸.

A entrevistada Sra. Maria Idelira em sua memória lembra como a família enfrentava essa “falta de tudo” no Luizote:

*“(...) não tinha lugar de compra nem um pão, não tinha leite, não tinha nada, (...) lá no Dona Zulmira, meu marido ora que saía do serviço ele vinha traze as coisas, trazia pão, trazia o leite, quando era dia de fazer compra ia fazer lá, ia no Dona Zulmira mesmo, quando a gente ia mais era lá no Alô Brasil, tinha o Alô Brasil lá em cima (...)”*⁹⁹.

⁹⁶ PORTELLI, Alessandro. As Fronteiras da Memória. O Massacre das Fossas Ardeatinas. História, Mito, Rituais e Símbolos. Revista dos Cursos de Pós-graduação em História da UFU. História Oral e Memórias, entrevista com Alessandro Portelli. Histórias & Perspectivas. Jul/dez 2001 jan/jul 2002. p. 34.

⁹⁷ Entrevista concedida pela Sra. Vera Lúcia, em janeiro de 2003.

⁹⁸ Entrevista concedida pela Sra. Célia das Graças, em abril de 2005.

⁹⁹ Entrevista concedida pela Sra. Maria Idelira, em agosto de 2005.

A realidade para a Sra. Sebastiana em relação “à falta de tudo” não era diferente, só era diferente o local em que a mesma fazia as compras para a família, revelando assim um outro aspecto no Luizote, as casas começavam a sofrer mudanças estruturais, pois que os primeiros comerciantes iniciavam uma pequena atividade no conjunto.

Ela revela em suas lembranças uma saudade daquele tempo em que se fazia “o famoso” comércio de esquina:

*“(...) é uma venda que eu tenho saudade (...) você tinha de compra tudo ali, né, e de taba, eu lembro (...) era umas porta de madêra, o pessoal morava até lá, mas naquele tempo aqui era bão (...)”*¹⁰⁰.

Já o Sr. Sebastião Francisco nos lembra que usava a mesma alternativa de ir até a “cidade” para fazer suas compras para o mês, mas também nos revela em sua memória um fator novo, que foi a instalação dos primeiros supermercados no Luizote:

*“(...) as compra do mês era feita “na cidade” no antigo alô Brasil, depois que alguns supermercados se instalaram lá, como o Kolosso (...)”*¹⁰¹.

A Sra. Célia das Graças também nos lembrou como um comércio interno já se fazia presente e já proporcionava algum “conforto” aos moradores, *“(...) com o tempo passo um padero de entrega pão, a gente comprava leite da fazenda, aqui perto era fazenda mesmo (...)”*¹⁰², posto que o Luizote era um lugar que “não tinha nada”.

Todavia o Luizote não era somente problemas e isolamento do centro de Uberlândia, os locais de lazer não eram muitos, porém, eram locais em que reuniam a maioria dos moradores que ali desenvolviam um sentimento de pertencimento e troca de experiências de vida.

Um dos locais preferidos pelos moradores, por se localizar no “meio do Luizote” e ser uma das atrações do lugar era a represa, um lugar transformado mais tarde em área de preservação ambiental, em que as pessoas conversavam e nadavam, apesar dos perigos de afogamento.

Como nos lembra a Sra. Sebastiana, assídua freqüentadora da represa nos finais de semana, em que após o almoço sempre estava às suas margens para encontrar os amigos:

¹⁰⁰ Entrevista concedida pela Sra. Sebastiana, em abril de 2005.

¹⁰¹ Conversa Informal, escrita, com o Sr. Sebastião Francisco de Castro sobre como se adaptou “à falta de tudo” no Luizote; o supermercado Kolosso ficava na Av. José Fonseca e Silva esquina com a Rua Hélio Alves dos Santos, antiga Rua C3, onde hoje é o Supermercado Smart.

“(...) e aquela represa ali (...) era todo mundo dia de domingo, né, hora dessa, ih! Hora dessa já tava encerrano meio-dia, onze horas, o povo já começava a junta, era tão bão antigamente, (...) não tinha mato, muitas pessoas tomava banho (...)” ¹⁰³.

E completa com uma grande saudade do lugar, *“(...) a represa era maravilhosa, a represa não tinha cerca, era uma área de lazer, era gostoso, agora acabo, né (...)”* ¹⁰⁴, e que também provocou a tristeza de muitos moradores que perderam seus familiares nela por afogamento, *“(...) depois também cerco por causa dos outros que começo a morre lá (...)”* ¹⁰⁵, ou seja, a represa que significava um espaço de lazer e encontro dos moradores para conversarem e nadarem deixou de ser um dos locais catalisadores de pessoas, visto terem diminuído sua abrangência por causa da “cerca” o que não representou acabarem com a sua “função” de ser um espaço de encontro dos moradores.

Mais tarde foi fundada a associação de moradores, na Av. José Fonseca e Silva esquina com a Rua Genarino Cazabona antiga B1 e este lugar passou a ser freqüentado pelas pessoas para se divertirem, *“(...) logo que fundaram a associação ali, aí eles faziam forró, mas eu nunca fui (...)”* ¹⁰⁶, conta a Sra. Maria Idelira que muito caseira preferia ficar em casa a ir se divertir naquele “novo” local de interação entre os moradores do Luizote.

Já a Sra. Sebastiana nos revela em suas memórias uma outra realidade com relação ao espaço criado pela associação para a diversão dos moradores, *“(...) a gente dançava até fala chega, era tão bão, acabava de dança lá e espera monta a feira pra come pastel (...)”* ¹⁰⁷, e que proporcionava muita alegria para eles e para os moradores dos bairros próximos que também freqüentavam aquele espaço público.

O intuito do Governo Federal em tentar amenizar o problema do déficit de moradias no Brasil, com a construção de conjuntos habitacionais para pessoas de baixa renda, teve um impacto inicial favorável, no que tange a “oferecer” casas próprias a muitas famílias já constituídas, que sofriam com os elevados preços dos aluguéis.

¹⁰² Entrevista concedida pela Sra. Célia das Graças, em abril de 2005.

¹⁰³ Entrevista concedida pela Sra. Sebastiana, em abril de 2005.

¹⁰⁴ Idem.

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ Entrevista concedida pela Sra. Maria Idelira, em agosto de 2005.

¹⁰⁷ Entrevista concedida pela Sra. Sebastiana, em abril de 2005.

No Conjunto Luizote de Freitas as 1500 casas construídas no ano de 1980 proporcionaram durante anos uma “comodidade” aos moradores, com pais e filhos convivendo harmoniosamente, apesar do tamanho do imóvel, que ao longo do tempo foi ganhando novos cômodos e áreas de serviço para acomodar as necessidades e a aquisição de novos bens móveis, como carros, sofás, geladeiras, máquinas de lavar e outros.

Entretanto, o crescimento das famílias começou a gerar um problema que seus pais conheciam muito bem antes do “Luizote”. O problema de “abrigar” os filhos depois de casados, isto devido ao desemprego, o desaquecimento da política de construção de mais conjuntos habitacionais na cidade e a “obrigação” de se “cuidar” dos pais, começou a fazer do “Luizote” um bairro super populoso e as construções de uma, duas, e até três casas no mesmo terreno foi inevitável para muitas famílias.

A entrevistada Sra. Vera relembra os problemas mais comuns devido a essas “colônias” familiares por todo o conjunto, em que as escolas estão com falta de vagas para as crianças:

“(...) o Luizote viro colônia, porque os filhos que cresceu foi fazeno casa nos fundos dos pais, sabe, e não mudou do bairro, então o bairro tinha mil e poucas pessoas, aí com esse negócio de construir casa no fundo, aí o outro vem e faz também, a mãe reparte a casa, e vai ficano tudo junto, e foi aumentano a população aqui, aqui tudo que você põe na feira aqui se você demora não acha um pé de alface (...) tudo que você põe aqui vende (...)”

108 .

Outro grande problema é em relação à saúde, pois no início havia um postinho que atendia bem toda população do conjunto. Inclusive a entrevistada Sra. Vera foi uma das primeiras funcionárias desse postinho, *“(...) eu entrei aqui no postinho em 82, trabalhava na prefeitura, eu fiz o pedido pro Seu Virgilio, pensei que ele não ia lembra, pois ele lembrô, quando fez o posto ali, ele lembro e mando me chama (...) existe, mas ta desativado (...)”*¹⁰⁹, porém os anos e o aumento da população do Luizote tornaram inviável o funcionamento do mesmo.

¹⁰⁸ Entrevista concedida pela Sra. Vera Lúcia, em janeiro de 2003.

¹⁰⁹ Idem.

A Sra. Maria Idelira compartilha da mesma opinião da Sra. Vera no tocante ao postinho de saúde, e lembrou-se:

“(...) quando eles inauguraram aquele postinho era bom demais, a gente chegava consultava, você ia de madrugada marcava consulta, você conseguia, agora aqui no UAI eu acho mais difícil, você precisava de um remédio você ia lá, você tinha, você precisava das coisas era mais fácil, agora aqui no UAI é mais difícil (...)”¹¹⁰.

Essa opinião com relação ao atendimento do postinho no Luizote o Sr. Sebastião Francisco lembra muito bem, inclusive há uma confirmação com relação ao funcionamento e atendimento do mesmo:

“(...) o atendimento no postinho de saúde era bom, as consultas mais graves a gente marcava na Medicina (...)”¹¹¹.

Como lembra a Sra. Vera:

“(...) a saúde aqui tá péssima, tá precisando de uma injeção de remédio (...) tem gente demais, tem menino demais, eu não tenho menino pequeno mais, mas eu vejo as outras mães reclamarem, vai pra lá de madrugada com os meninos gripados, os médicos olham só mais ou menos e arrumaram um ‘tal’ de vírus (...) não tira um sangue (...) melhorar o atendimento médico, isso tá precisando urgente (...) o resto tem tudo, tem correio, tem companhia telefônica, tem tudo! Posto telefônico ali, orelhão em cada esquina tem orelhão, sabe, tem tudo, posto policial (...)”¹¹².

Segundo os entrevistados a tranquilidade, nos primeiros anos de Luizote, era um ponto positivo que o “bairro” oferecia, pois as mães que trabalhavam fora podiam deixar seus filhos em casa sozinhos, pois nada de errado lhes acontecia, seja em casa ou na rua.

“(...) foi bom porque eles amadureceu bastante, sabe, eles fica sozinhos, eles amadureceu, todo mundo sabe cozinhar, sabe passar uma roupa, eles tomava banho, ia pra escola sozinho, não faltava, não atrasava, sabe, foi bom para eles (...)”¹¹³, pelas

¹¹⁰ Entrevista concedida pela Sra. Maria Idelira, em agosto de 2005.

¹¹¹ Conversa Informal, escrita, com o Sr. Sebastião Francisco de Castro sobre a saúde no Luizote de Freitas e como no começo eles faziam para se tratarem no postinho de saúde, que agora está “desativado”.

¹¹² Entrevista concedida pela Sra. Vera Lúcia, em janeiro de 2005.

¹¹³ Idem.

lembranças da Sra. Vera percebemos essa característica de tranquilidade que o Luizote tinha e que tanto “ajudou” os pais para que fossem trabalhar “na cidade” sossegados.

O Sr. Sebastião Francisco também percebeu essa tranquilidade, mas ao longo dos anos o Luizote perdera esse ponto positivo que os deixava mais calmos, “(...) *no começo era tudo bom, alegre, não acontecia muita coisa ruim, agora que aumentô o comércio começô a ocorrer muita morte nos bares, até PPO* tem no Luizote (...)*”¹¹⁴, fazendo-se necessário até mesmo a instalação de um posto policial dentro do conjunto para que a população tenha mais segurança.

E é esta violência que mais assusta os moradores do Luizote e também da Cidade de Uberlândia, pois eles não têm mais a certeza de sair de casa e encontrarem os seus pertences ou que podem sair de casa e andar sossegado pelas ruas sem serem molestados por “ganges” no “bairro”.

Mesmo o Luizote nesses 25 anos ter perdido a tranquilidade com os seus moradores convivendo com problemas encontrados em toda a cidade de Uberlândia, encontramos declarações de verdadeiro amor e apego ao lugar, o lugar da casa própria daquelas pessoas que “lutaram” muito para consegui-la, mesmo sendo no “mato”.

Com relação a se mudarem do Luizote as opiniões se convergem para uma única resposta, isto é, mudar do conjunto, a princípio, não está nos planos de ninguém, como a Sra. Vera Lúcia lembrou quando indagada para qual lugar mudaria se saísse do Luizote,

“(...) mudá daqui só pro Bom Pastor (...) nunca (...)”¹¹⁵.

Essa rejeição de não se mudar do Luizote é compartilhada pela Sra. Célia, pois que é ali o lugar no qual a família conquistou a casa própria:

“(...) eu não tenho assim, nem vontade de saí daqui, a gente acostumo tanto, né (...) pra mim os outros lugar nem não é bonito, nem é alegre, é só aqui mesmo (...) aqui nessa casa aconteceu tanta coisa, assim alegre, eu acho, pra mim, se vê, tem meus quatro filhos, eles foram criados aqui (...)”¹¹⁶.

Também para a Sra. Sebastiana a relação com o Luizote, com os vizinhos, o lugar da casa própria foi resumido assim por ela, “(...) *é tão bom ce te o lugar da gente mora,*

¹¹⁴ Conversa Informal, escrita, com o Sr. Sebastião Francisco de Castro explicando o aumento da violência no Luizote e que lá, para aumentar a segurança dos moradores foi instalado um posto policial.

* o PPO mencionado está instalado no Bairro Jardim Patrícia.

¹¹⁵ Entrevista concedida pela Sra. Vera Lúcia, em janeiro de 2003.

não é!, ce vê você vai passeá lá e alguém te dá uma olhada meio atravessada em você, no instantinho você casca pra sua casa (...)”¹¹⁷, ou seja, um lugar de “segurança familiar”.

E esse “lugar de segurança familiar” ela lembra o quanto foi importante adquirir:

“(...) ta no meu é meu, isso pra mim é uma honra, eu como mulher, guerreira, porque eu não tive marido pra mi dá isso, foi eu mesma, e nem assim, intuição de alguém, eu vi lá, eu vô faze, e sempre quando eu ponho, toda vida, eu tenho isso comigo, eu ponho na minha cabeça, eu vô faze, vô consegui, eu consigo (...)”¹¹⁸.

Para a entrevistada acima citada o dia-a-dia e o morar no Luizote são um prazer muito grande, a relação com os vizinhos e com o “bairro” começa bem cedo na rua, lembrando ela muito bem assim como os outros moradores, quando perguntados sobre o “lugar”, *“(...) seis horas da manhã eu abro a porta aqui, começa o primeiro café, até as oito eu faço uns dois, três café, um toma pra ir pro serviço, o outro vem toma porque ta atrasado (...)*”¹¹⁹, dando uma dimensão bem nítida de quando respondem que “ali” é “tudo uma família”.

Focalizando o Luizote como um lugar de pertencimento social, no qual as relações sociais criam vínculos entre as pessoas e seus dia-a-dias transformam as paisagens conforme suas preferências pessoais, as estruturas das casas começaram a ganhar novas formas e traçados para acomodar o crescimento das famílias.

Com o passar dos anos o Conjunto Luizote de Freitas foi ganhando um outro aspecto, tanto estrutural com a modificação das casas, aumentadas com novos banheiros, salas e cozinhas maiores, novos quartos, garagens e alguns imóveis transformados mesmo em escritórios, consultórios e outros, quanto social, pois que seus moradores fizeram da “serra pelada” um dos “melhores lugares para se viver em Uberlândia”.

O Conjunto Luizote até então, no ano de 1980, era o lugar que “faltava tudo”, a distância não animava as pessoas a visitarem seus parentes no conjunto, era de certo modo “isolado” pelos moradores dos outros bairros de Uberlândia, não tinha lazer, seus

¹¹⁶ Entrevista concedida pela Sra. Célia das Graças, em abril de 2005.

¹¹⁷ Entrevista concedida pela Sra. Sebastiana, em abril de 2005.

¹¹⁸ Idem.

¹¹⁹ Idem.

moradores se deslocavam a bairros próximos para fazerem as compras do mês, além dos problemas com água e luz.

Percebe-se, que mesmo longe “da cidade” e da vida social de Uberlândia, os moradores do Luizote iniciam por meio de suas movimentações e relações pessoais, com o aparecimento de vivências e experiências, um espaço social e que de “diferentes” e “isolados” podiam fazer dali um lugar de pertencimento social.

*“(...) Em suas memórias, esses lugares aparecem identificados nas redes de convívio com os amigos, parceiros de trabalho, com a vizinhança e nos momentos de divertimento. Lugares que foram apagados da paisagem urbana, mas permanecem nas memórias como histórias, que foram lembradas porque perderam a referência no viver urbano (...)”*¹²⁰, ou seja, os moradores do Luizote o tornam um lugar de pertencimento social, um espaço social.

Não só de pertencimento social para aqueles que moravam no Luizote, mas que isso fizesse mudar o conceito do conjunto, de ‘serra pelada’ no ‘melhor lugar para se viver em Uberlândia’, valorizando o lugar que aquelas pessoas moram e escolheram para viver.

Essa mudança de conceito do Luizote foi uma vitória para seus moradores que por meio de seus modos de vida empreenderam um significado próprio ao “bairro”, o que o autor Antonio Arantes muito bem escreve:

*“(...) Por esse processo, ruas, praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significações e lembranças compartilhadas, que passam a fazer parte da experiência ao se transformarem em balizas reconhecidas de identidades, fronteiras de diferença cultural e marcos de ‘pertencimento’ (...)”*¹²¹.

¹²⁰ CALVO, Célia Rocha. Tese de Doutorado. Muitas memórias e histórias de uma cidade. Experiências e Lembranças de viveres urbanos, Uberlândia 1938-1990. Pontifícia Universidade católica de São Paulo, maio/2001, p. 201.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta monografia foi pensar o Conjunto Habitacional Luizote de Freitas como um lugar de pertencimento social de seus moradores, como através de suas lembranças e memórias eles construíram suas vivências, transformando “aquele lugar longe” em lugar no “melhor lugar para se viver em Uberlândia”.

Como pelas suas trajetórias o Luizote de Freitas passou a ser um lugar importante no contexto urbano da cidade de Uberlândia, isto por meio de seus viveres, como dentro do “bairro” as pessoas foram conseguindo o respeito dos outros moradores de Uberlândia.

Que mesmo sua localização estando fora do perímetro urbano de Uberlândia, o Luizote de Freitas era e é um espaço urbano, igual a todos os outros lugares da cidade, em que os problemas e as benfeitorias de um bairro são resolvidos e vividos por seus moradores.

Essa monografia teve também o objetivo de valorizar a história dos moradores do Luizote de Freitas, o “caminhar” deles que empreenderam caminhos que fizeram do “bairro” uma referência de dinamismo para os outros bairros de Uberlândia, mas sempre tendo como norte suas lembranças do que foi e é hoje o Luizote.

Diante dessa pesquisa aprendi o quanto os trabalhadores entrevistados valorizam a questão da casa própria, “aquele cantinho deles” conseguido com muito esforço para abrigar a família, o quanto isso significa dar um “novo rumo” na vida, coisas que para algumas pessoas possa ser só mais um imóvel, para eles tem o significado de uma vitória.

(...) eu senti assim muito vitoriosa, muito mesmo, eu tinha muito que agradece a Deus, e até hoje eu agradeço, porque, é uma coisa de uma luta minha, né, então eu não sei o que iria acontecer (...) ¹²², foi a definição da entrevistada Sra. Sebastiana sobre a importância de se ter a casa própria.

Também percebi que o fato das pessoas ao serem entrevistadas ter a intuição de falar apenas os momentos alegres possa estar relacionado aos fatores conquistar e vencer as barreiras da vida e isto conectado às suas lembranças vem primeiro como um algo que as outras precisam saber.

¹²¹ ARANTES, Antonio A. Paisagens Paulistas. Transformações do espaço público. Editora da Unicamp, Imprensa Oficial. SÃO PAULO, p. 106.

¹²² Entrevista concedida a Sra. Sebastiana, em abril de 2005.

E não somente “precisam saber”, mas a questão de que aquilo lhes proporciona no íntimo um prazer além das suas próprias expectativas, pois que eles vêem nas pessoas mais próximas histórias semelhantes às suas, histórias de luta, perseverança, crescimento, algumas tristezas, mas sobretudo, histórias construídas por eles e que servem de exemplo para outras pessoas.

Como as pessoas através das suas práticas sociais podem mudar um ambiente, transformar lugares em seus modos de vida dentro de um espaço urbano, o qual as mudanças significam pertencimento social.

Percebi também que a cidade não é feita somente do concreto armado nas construções dos condomínios, casarões e edifícios de luxo, que a cidade também é “o lugar longe”, “as serras peladas”, “o lugar no meio do mato”, pois que a cidade é feita pelas pessoas através de suas movimentações, práticas sociais e relações com os seus próximos.

Que “o sonho da casa própria” foi um momento de alegria intensa para aquelas pessoas que conseguiram suas casas naquele ano de 1980, no Luizote de Freitas, depois de muita “luta” e perseverança e que muitos outros “luizotes” foram e serão construídos no Brasil.

Como entrevistador e historiador nessa pesquisa percebi uma semelhança muito grande nas falas dos entrevistados quando narram a importância de se ter uma casa própria e que isso continua sendo um “sonho” para muitos cidadãos.

Mesmo por meio das memórias e lembranças das pessoas, a relação presente-passado é importante para trazer à tona a história daqueles que não figuram nas histórias dos dominantes, pois que a história é feita por aqueles que participam do dia-a-dia dos seus espaços sociais e transformam esse espaço.

Essa pesquisa foi importante também para eu perceber que há história na vida diária e “simples” das pessoas que vivem numa cidade, daqueles que têm que sair correndo de casa de manhã para ir ao trabalho de ônibus, abrir a porta de uma “venda” construída na frente da casa, buscar lenha no meio do mato, aumentar uma cozinha, um quarto, uma sala, um banheiro, desde que a visão do historiador esteja atenta para esses fatos da vida diária e social da cidade.

Que não há história dos vencidos ou dos vencedores, mas simplesmente história de pessoas que lutam na busca de construir e ter os seus lugares e reconhecimento social.

Histórias contadas pelas pessoas, participantes ou observadoras dos fatos, a qual por intermédio do historiador é escrita em forma de história, nas lembranças de um espaço social.

O Luizote de Freitas sofreu muitas mudanças, com benfeitorias realizadas para melhorar o bem estar dos seus moradores, contudo, como fica a questão do problema da saúde, pois que a Unidade de Atendimento Integrado – UAI-Luizote – não vem prestando serviços que atendem aos anseios dos moradores.

Também em relação às sub-moradias mencionada nessa monografia como um problema de super povoamento do Luizote, como será resolvido, pois que o número de população no “bairro” tende a crescer conforme aumenta a população da cidade de Uberlândia.

Outro questionamento é sobre o aumento da violência no Luizote, verificado mesmo nas entrevistas feitas com os moradores e nas conversas informais, posto que tendo um comércio tão atuante e “rico” seja alvo de constantes roubos, além de outros problemas como as drogas.

Como através dos anos, os moradores do Luizote de Freitas transformaram a estética de suas casas para melhor acomodar as pessoas da família, como os “aumentos” de sala, quartos, cozinha, área de serviço e garagens e se estes foram suficientes para agradar a todos da família.

Ainda sobre esses “aumentos”, e como nas entrevistas os moradores sempre mencionam o fato dos moradores da rua serem como “uma família”, no que isso implicou na questão da “camaradagem” em se “ajudar” uns aos outros para que, por exemplo, um muro fosse erguido, isso em nome da amizade de vizinhos.

Como hoje eles vêem a questão da construção de um terminal de ônibus no Luizote, posto que os ônibus que servem ao “bairro” terem suas rotas aumentadas indo até outros lugares próximos como os Bairros Mansour e Jardim Europa, pois que os lugares de senta no ônibus já estarem todos ocupados por aqueles moradores.

A questão é levantada, pois em conversas informais com os moradores do Luizote, usuários do transporte coletivo, eles sempre o tinham em um conceito muito elevado, pois que “não faltava ônibus” e sempre tinham lugar para se assentarem, não importando o ponto do coletivo.

Como eles vêem a questão de se ter um poliesportivo no meio do “bairro”, o qual diversas crianças praticam esportes e a quadra esportiva não ter uma cobertura para amenizar os efeitos dos raios solares.

Todas essas questões foram levantadas no afã dialogar os moradores do Luizote para que pensem no seu espaço urbano, que pode ser melhorado ainda mais visando uma melhor qualidade de vida daqueles que vivem lá e esse lugar de pertencimento social cresça e desenvolva na medida em que o “desenvolvimento” do “bairro” seja benéfico para seus moradores.

E para que também outros historiadores que vêem na história oral e história local um meio de transformar os viveres das pessoas em histórias escritas e que em seus trabalhos eles possam complementar esse trabalho de monografia, que foi um início de pesquisa que procurou pelas lembranças e memórias dos moradores do Luizote contar o que foi sair de um lugar e ir para outro para transforma-lo em lugar de pertencimento social urbano.

FONTES UTILIZADAS

I – Fontes Impressas

Prefeitura Municipal de Uberlândia

- Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano. Mapa do Luizote de Freitas, 2006.
- Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano. BDI – 2006. (Banco de Dados Integrados de Uberlândia), 2002.
- Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Urbano. Censo Habitacional e Populacional do Conjunto Habitacional Luizote de Freitas, 2006.

Arquivo Público Municipal

- Jornal Correio de Uberlândia – ano de 1980 – Notícias especificamente sobre a Construção e entrega do Conjunto Luizote de Freitas.

Sede do Jornal que circula no Luizote de Freitas.

- Jornal Gazeta do Setor Oeste, nºs 26 e 27, anos 02 e 03 de 30/08/2005 e 15 a 30/09/2005, respectivamente – Notícias relacionadas às festividades de comemoração dos 25 anos de inauguração do Conjunto Habitacional Luizote de Freitas.

II – Fontes Orais

Sra. Célia das Graças de Aquino Batista, dona de casa, moradora do Luizote de Freitas há 25 anos na Rua Osvaldo Samora 298, antiga Rua B3, casada com o Sr. Mauro Francisco Batista de Aquino, 51 anos e mãe de quatro filhos, entrevista realizada no mês de abril de 2005, em sua residência.

Sra. Maria Idelira, dona de casa, 59 anos, viúva do Sr. José Cosme Gonçalves, mãe de cinco filhos, moradora da casa nº 371 na Rua Hélio Alves dos Santos, antiga Rua C 3, entrevista realizada no mês de agosto de 2005, em sua residência.

Sra. Sebastiana Soares da Silva, 56 anos, dona de casa, “guerreira”, moradora da Jonathan Teodoro de Oliveira nº 61, antiga Rua C 27, mãe de quatro filhos, veio de Ituiutaba para ter sua casa própria no Luizote, entrevista realizada em sua residência, no mês de abril de 2005.

Sr. Sebastião Francisco de Castro, casado com a Sra. Maria Abadia Oliveira de Castro, morador da Rua Matheus Vaz nº 1042, antiga Rua C 56, entrevista, informal e escrita, realizada no mês de novembro de 2003, em seu local de trabalho.

Sra. Vera Lúcia Arantes de Siqueira, 59 anos, moradora da Rua Elói Costa nº 246, antiga Rua C 13, casada com o Sr. Clairton Netto de Siqueira, aposentada, mãe de três filhos, entrevista realizada em sua residência, em janeiro de 2003.

BIBLIOGRAFIA

ARANTES, Antonio A. Paisagens Paulistanas. Transformações do Espaço Público. Editora da UNICAMP.

BLOCH, Marc. Apologia da História ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CALVO, Célia Rocha. Muitas Memórias, Outras Histórias de Uma Cidade. Lembranças e Experiências de Viveres Urbanos em Uberlândia. In (orgs) Déa Ribeiro Fenelon, Laura A Maciel, Paulo R. de Almeida e Yara Aun Khoury. Ed. Olho d'Água.

-----, Muitas Memórias e Histórias de Uma Cidade: Experiências e Lembranças de Viveres Urbanos – Uberlândia 1938-1990 – Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Programa de Estudos Pós Graduated em história Social. Maio/2001.

FENELON, Déa Ribeiro. O Historiador e a Cultura Popular: História de Classe ou História do Povo. In: História e Perspectivas. Revista do Curso de História. N. 6. UFU. Uberlândia, 1992.

GOLOVATY, Ricardo Vidal. Cultura Popular Rural e Poder Público Municipal: valores culturais e interesses políticos em conflito. Cruzeiro dos Peixotos e Martinésia, Distritos de Uberlândia, 1980-2002 – Dissertação de Graduado em Ciências Sociais para avaliação do Mestrado de História. Universidade Federal de Uberlândia – 2002.

GRUPO MEMÓRIA POPULAR. Muitas Memórias, Outras Histórias. (orgs). Déa Ribeiro Fenelon, Laura A Maciel, Paulo R. de Almeida e Yara A Khoury. Ed. Olho d'Água. Maio/2004.

MARSON, Adalberto. Reflexões sobre o procedimento histórico. In: SILVA, Marcos A da. (org.) Repensando a História. Rio de Janeiro. Editora: Marco Zero, 1984.

MORAES, Sérgio Paulo. Trabalho e Cidade: Trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia – 1970-2000 – Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia – 2002.

OLIVEIRA, Júlio César de. O Último Trago. A Última Estrofe – Vivências Boêmias em Uberlândia nas Décadas de 40, 50 e 60. Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica – SP – 2000.

PETUBA, Rosângela Maria Silva. Pelo Direito à cidade: experiência e luta dos ocupantes de terra do Bairro Dom Almir (1990 – 2000). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia – 2201.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In Fundamentos. Roma: Universidade de Roma.

-----, As Fronteiras da Memória. O massacre das fossas ardeatinas. História, Mito, Rituais e Símbolos. In: Revista: Histórias & Perspectivas, Uberlândia, (25 e 26): 9-26 jul/dez 2001 / jan/jul2002.

-----, Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro. Revista Projeto História, São Paulo (14) fev 1997.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 9, n. 19, set/1989 / fev/1990.

SILVA, Marcos A. República em Migalhas. História Regional e Local. São Paulo. Ed. Marco Zero/CNPO. 1999.

SOUZA, Aparecida D'arc de. Capitães do asfalto: Infância e Adolescência Pobres na Cidade de Uberlândia – 1985-1995. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1998.

THOMPSON, E. P. “A Miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser”. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMSON, Alistair. “Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias”. In: Revista Projeto Histórico.n. 15. São Paulo. PUC / SP-1981.

ANEXO

MAPA DO LUIZOTE DE FREITAS COM A LOCALIZAÇÃO DAS RESIDÊNCIAS DOS ENTREVISTADOS (LEGENDA EM QUADRADO) E DAS PESSOAS QUE ME POSSIBILITARAM CHEGAR ATÉ ELES (LEGENDA EM TRIÂNGULO).